

Rômulo da Silva Krause

A COPA POLÍTICA:

um estudo sobre a cobertura da Copa das Confederações Fifa e das manifestações de junho de
2013

Monografia apresentada ao curso de
Comunicação Social – Jornalismo da
Faculdade de Comunicação da
Universidade Federal de Juiz de Fora
como requisito parcial para a obtenção do
grau de bacharel.

Orientador: Prof. Ms. Álvaro Eduardo
Trigueiro Americano.

Juiz de Fora
Junho de 2015

Rômulo da Silva Krause

A COPA POLÍTICA:

um estudo sobre a cobertura da Copa das Confederações e das manifestações de junho de
2013

Monografia apresentada ao curso de
Comunicação Social – Jornalismo da
Faculdade de Comunicação da
Universidade Federal de Juiz de Fora
como requisito parcial para a obtenção do
grau de bacharel.

Orientador: Prof. Ms. Álvaro Eduardo
Trigueiro Americano. (Faculdade de
Comunicação/UFJF)

Aprovado pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Ms. Álvaro Eduardo Trigueiro Americano (UFJF) – Orientador

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (UFJF) – Convidado

Prof. Ms. Ricardo Bedendo (UFJF) – Convidado

Conceito Obtido: _____

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20____.

À Kátia M. Abreu da Silva;
minha força, minha guia, minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Por esta conquista agradeço,

à minha família pelo apoio incondicional, pelas horas de ouvido atento ao telefone, pela preocupação em dias difíceis e pelo suporte nessa caminhada de cinco anos. Mãe; Vó Neuza; Henrique, meu grande irmão; Pai e Vô; cada um de vocês tem participação direta nesta vitória.

às minhas amigas Caísa Couto, Marianna Leão, Miriam Azevedo e Rafaela de Carvalho. É impossível descrever o tamanho do meu amor e da minha gratidão por vocês.

aos meus queridos amigos aimoreenses por fazerem parte da construção do meu caráter e por terem compartilhado comigo o sonho do jornalismo.

ao companheiro de todos os momentos, Álvaro Dyogo, eternizo minha gratidão e amor. Não teria conseguido sem seu apoio, dedicação, carinho e força.

ao professor Álvaro Americano, pela orientação gentil, preocupada, paciente e firme. Obrigado pelos anos de cumplicidade em um projeto que só cresceu com a sua ajuda. Agradeço igualmente pela convivência como educador e amigo.

aos professores que também marcaram, com o seu apreço, minha passagem pela Faculdade de Comunicação: Letícia Torres, Marcinha Falabella, José Luiz Ribeiro, Marise Mendes, Iluska Coutinho e Wedencley Alves. Meu agradecimento especial para Soraya Ferreira e Carlos Pernisa, por me auxiliarem na busca pelo tema deste projeto e para Márcio Guerra e Ricardo Bedendo, por gentilmente comporem minha banca de defesa.

à cidade de Juiz de Fora, pelo acolhimento caloroso e pela oportunidade de vivenciar uma história incrível. Encontrei minha casa, meus amigos, minha vida aqui.

e a todos aqueles que participaram direta ou indiretamente da história que culminou nesse trabalho, meu muito obrigado.

RESUMO

A realização da Copa das Confederações Fifa 2013, simultaneamente às manifestações de nível nacional que tomaram o Brasil, proporcionaram um estudo que relaciona os valores-notícia, às linhas editoriais dos jornais **O Globo** e **Folha de S. Paulo**, em perspectiva às suas histórias e aos protestos citados. Como base para a observação sobre os temas escolhidos, também foram feitas pesquisas bibliográficas sobre a conjuntura nacional, culminando nas motivações e origens dos atos que levaram milhares de pessoas às ruas. Além disso, foram feitas considerações sobre a influência das novas tecnologias sobre o fazer jornalístico. Esse diagnóstico inicial proporcionou a base para a análise diária das notícias que retrataram os dois temas principais, muitas vezes de maneira interligada.

Palavras-passe: Copa das Confederações Fifa 2013. Manifestações de junho de 2013. Política. Futebol.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OS VALORES-NOTÍCIA E A CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO NACIONAL DE 2013	9
2.1 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE	9
2.2 A COPA DAS CONFEDERAÇÕES E O INÍCIO DAS AGITAÇÕES SOCIAIS.....	15
2.3 A COBERTURA NA GRANDE IMPRENSA BRASILEIRA E O NOSSO OBJETO DE ESTUDO	17
2.3.1 O nascimento da imprensa no Brasil.....	18
2.3.2 Folha de S. Paulo	20
2.3.3 O Globo	24
3. AS MANIFESTAÇÕES DE 2013.....	30
3.1 O ESTOPIM DO MOVIMENTO	31
3.2 A VIOLÊNCIA POLICIAL COMO FATOR DE AMPLIAÇÃO DO MOVIMENTO.	33
3.3 A EXPLOSÃO DE DEMANDAS.....	35
3.4 O DESCONTENTAMENTO GENERALIZADO COM O SISTEMA POLÍTICO E A IMPRENSA	36
3.5 A INTERNET E A PULVERIZAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES	38
4. A COBERTURA DA COPA DAS CONFEDERAÇÕES COMO OBJETO DE ANÁLISE	41
4.1 7 DE JUNHO	41
4.2 15 DE JUNHO	44
4.3 18 DE JUNHO	49
4.4 19 DE JUNHO	57
4.5 26 DE JUNHO	62
4.6 30 DE JUNHO	66
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
6. REFERÊNCIAS	76

1. INTRODUÇÃO

A realização de um evento de grandeza mundial, sediado pela primeira vez no Brasil, a Copa das Confederações geraria, por si só, uma ampla cobertura midiática, além de atrair a atenção de toda a sociedade. Entretanto, em 2007, quando o país foi escolhido como anfitrião da Copa do Mundo de 2014, não se imaginava sob qual perspectiva isso ocorreria. As manifestações, que surgiram simultaneamente ao Evento preparativo do torneio, A Copa das Confederações, foram retratadas com surpresa em grande parte da imprensa

Como razão primária para a realização deste trabalho, surgiu a instigação por um descontentamento com os conglomerados de mídia brasileiros, intensificado com a evolução dos protestos de junho de 2013. Carros queimados, repórteres coagidos, protestos contra grandes jornais. Tudo isso em meio a centenas de outras bandeiras. Foi quando nos surgiu um dos principais questionamentos realizado pelo ser humano, motor de qualquer pesquisa acadêmica: por que? Tentamos responder essa questão através da junção dos capítulos dois e quatro, onde fizemos um histórico dos veículos estudados e uma análise sobre a cobertura dos eventos citados.

O relato da história do jornalismo brasileiro e dos veículos escolhidos para essa análise: **O Globo** e **Folha de S. Paulo** também assume papel importante ao retratar e evidenciar as linhas editoriais dos veículos e suas personalidades próprias. Porém, para entender de maneira mais profunda e assertiva, fazemos primeiro uma passagem pela bibliografia jornalística. Retomar os critérios de noticiabilidade, outro objetivo do segundo capítulo, nos proporcionou compreender as escolhas do jornalismo diário e observar até que ponto sociedade e mídia exercem influências recíprocas.

Ao retomar as teorias citadas por Nelson Traquina, Mauro Wolf, David Manning White e Felipe Pena, conseguimos dar base teórica e histórica para as interpretações que foram feitas sobre as notícias que envolveram a Copa das Confederações 2013 e os manifestos. Combinados com a perspectiva histórica, esses dois estudos permitiram um parecer mais preciso sobre as escolhas dos dois veículos midiáticos na maior manifestação política popular da última década.

A citação de critérios como a proximidade nos proporcionou base teórica para o estudo da representatividade dos veículos de comunicação, posta em questão pelos manifestantes. Até que ponto a notícia obedece, nesse caso, o interesse do leitor? Como esses

valores também se relacionam de forma direta com a ética jornalística? Como os interesses de grupos particulares influenciam os mesmos? E como todas essas questões culminam em junho de 2013?

Ao acompanhar os primeiros grandes manifestos da era digital, também procuramos levantar a reflexão sobre os novos modos do fazer jornalístico e a influência dos meios eletrônicos sobre o mesmo. Até que ponto a independência na geração da informação, adquirida através de câmeras, celulares e da internet também influenciou na cobertura dos jornais analisados.

Já o terceiro capítulo tem, como proposta, apresentar e discutir a complexidade das manifestações populares de 2013, com foco na conjuntura de acontecimentos que levaram milhões de pessoas às ruas, além dos reflexos provocados nas cidades-sede da Copa das Confederações Fifa e na cobertura do evento.

Essa complexidade, como veremos nas próximas páginas, se deve ao movimento não ter tornado explícito desde o início seus objetivos políticos. Também traremos à discussão o fato deste ser o primeiro grande protesto na era da internet. Autodenominado apartidário, organizado nas redes sociais e passado de pessoa para pessoa, foi considerado por muitos democrático. Democrático porque acolheu todas as demandas, ansiedades e necessidades de uma sociedade que queria mais do que os serviços básicos e, muitas vezes, precários, oferecidos pelo governo. Mais do que cartazes contra o aumento das tarifas de ônibus, considerado o estopim para o movimento, eram vistos manifestantes que pediam por educação, saúde, transporte, igualdade entre sexos, cores e sexualidades.

O quarto capítulo é composto pela análise das notícias que retrataram o tema. Para dar base ao nosso estudo foram escolhidos os dias 7, 15, 18, 19, 26 e 30 de junho. Essa escolha foi respaldada por três motivos diferentes: seguir o calendário das manifestações; observar a mudança de postura dos grandes veículos midiáticos brasileiros, que passaram a adotar um posicionamento mais brando e até favorável aos protestos; e acompanhar a cobertura dos jogos do Brasil, da abertura e do encerramento do evento e o contraposto com os protestos que se alastraram pelo país.

Através dessa análise trouxemos questões que precisam ser estudadas pelos campos da comunicação e pelo jornalismo, mais especificamente. Dessa maneira, proporcionamos uma reflexão para que meios de comunicação, e os profissionais envolvidos, possam repensar sua cobertura, os critérios de noticiabilidade e o compromisso com a ética e a informação para o seu público.

2. OS VALORES-NOTÍCIA E A CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO NACIONAL DE 2013

Neste capítulo, pretendemos dar base teórica e histórica para as interpretações que serão feitas sobre as notícias que envolveram a Copa das Confederações 2013 e os manifestos que aconteceram simultaneamente ao evento e, muitas vezes, foram causados pelo próprio. Para isso, faremos uma passagem pelos critérios de noticiabilidade, que nos permitirão buscar entender o porquê da escolha de cada notícia. Mais à frente, procuraremos fazer um relato da história do jornalismo brasileiro e dos veículos escolhidos para essa análise: **O Globo** e **Folha de S. Paulo** e, assim, conheceremos melhor suas linhas editoriais. Combinados, esses dois estudos permitirão um parecer mais preciso sobre as escolhas dos dois veículos midiáticos na maior manifestação política popular da última década.

2.1 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

A cada minuto, as redações dos grandes e pequenos jornais recebem uma quantidade imensurável de informações, denúncias e assuntos que podem vir a se tornar notícia. Saber selecioná-las e ser um retrato do que de principal acontece no Brasil e no mundo é o objetivo de qualquer organização comunicacional comprometida com o relato destes para seu público. A seleção das notícias que vão estampar as manchetes do dia é hierarquizada com fundamento nos critérios de noticiabilidade.

Mas, para entender de forma completa o que o termo representa, devemos passar inicialmente por algumas teorias do jornalismo. Para Felipe Pena (2005), qualquer teoria é uma redução da ideia inicial com o objetivo de enquadrá-la sob um determinado ponto de vista. Mesmo utilizando-se das mais diversas metodologias, teorizar é enquadrar interpretações críticas que, vistas de outros ângulos, poderiam ser muito mais complexas. Pena, então, questiona a existência das mesmas.

Então, para que escrever uma teoria do jornalismo? Pelo mesmo motivo que se fazem teorias nas mais diversas áreas: para aprofundar o conhecimento sobre elas. Por mais paradoxal que pareça, reduzir também é ampliar. Quando faço um recorte sobre o tema, meus métodos de análise promovem questões que podem servir para incentivar a criação de outros métodos, que vão produzir novas questões e assim por diante. (PENA, 2005, p. 9-10).

Em uma profissão que tem por natureza o constante espírito de mudança, que é afetada como nenhuma outra pelas mudanças tecnológicas e onde o fazer jornalístico nem

sempre está acompanhando da formação acadêmica, teorizar sobre o seu processo de produção e sobre os indivíduos envolvidos no mesmo assume não só um caráter de busca pela compreensão do meio, mas também uma proposta de registro histórico das características próprias de sua época. Concordando com as colocações de Pena é que decidimos, então, reduzir para construir um raciocínio lógico sobre o tema e, consecutivamente, ampliar o conhecimento ao seu redor.

Uma espécie de mito a ser buscado pelo jornalista, a teoria do espelho, a primeira que tenta explicar porque as notícias são como são, surge inspirada pelo positivismo do filósofo francês Auguste Comte. Amplamente debatida pelo pesquisador Nelson Traquina, ela expressa a busca da verdade e o simples relato dos fatos. O agente que inspirado pela teoria deve observar o que acontece e informar com honestidade e equilíbrio, sem exercer qualquer influência sobre o produto final, refletindo, assim como a metáfora sugere, a realidade. Como um norte, a teoria do espelho deve ser buscada ao máximo por cada profissional, mesmo que alcançar seus dogmas em plenitude seja impossível.

Apesar da ideia de refletir a realidade sem qualquer interferência ser considerada uma utopia, contestada pelo simples argumento de que a linguagem neutra é impossível uma vez que não há como se anular por completo frente a um trabalho, fragmentos da teoria desenvolveram-se e espalharam-se pelo mundo como pilares do jornalismo. Para Traquina (2005), através dos tempos, o jornalista deixou de ser representante de uma arma política – o meio de comunicação em que trabalha -, para se tornar um observador honesto e cauteloso da realidade, não tendo permissão, assim, para a reprodução de suas opiniões pessoais. “O novo paradigma como o do observador que relata com honestidade e equilíbrio o que acontece, cauteloso em não emitir opiniões pessoais. O desenvolvimento desta concepção, que é ainda hoje o padrão dominante no campo jornalístico ocidental”. (TRAQUINA, 2005, p. 146)

Outro argumento é que, segundo a teoria, qualquer fato é notícia. A seleção de um evento em detrimento de outro estaria indo contra os seus princípios, uma vez que por mais que essa escolha tenha sido feita seguindo a ética jornalística, seus motivos e ponderações serão influenciados pela experiência de vida e ideologias do selecionador. Essa falta de seleção tornaria, por exemplo, impossível a produção de um jornal. É, através da impossibilidade de refletir todos os fatos produzidos pela sociedade, que surge a teoria do *gatekeeper*.

O conceito de *gatekeeper* é elaborado por Kurt Lewin (1947 apud WOLF, 2003) em um estudo sobre as dinâmicas interativas nos grupos sociais, a respeito dos problemas ligados à mudança de hábitos alimentares da época. Identificando os “canais” nos quais flui a

sequência de comportamentos relativos a um certo campo, Lewin observou que algumas zonas nos canais podiam funcionar como “cancela” ou “porteiro”.

A constelação das forças antes e depois da zona-filtro é decididamente diferente, de modo que a passagem ou o bloco da unidade através de todo canal depende, em grande parte, do que acontece na zona-filtro. Isso ocorre não apenas com os canais da alimentação, mas também com a sequência de uma informação por meio dos canais de comunicação num grupo. (LEVIN, 1947, p. 145 apud WOLF, 2003, p. 184).

David Manning White (1950 apud TRAQUINA, 2005), pesquisador e professor de jornalismo, usa esse conceito para estudar o fluxo de notícias dentro dos meios de comunicação e, principalmente, para definir os pontos que funcionariam como as “cancelas”, onde a informação é rejeitada ou passa adiante.

Em sua pesquisa, White constatou que apenas uma em cada dez comunicações de agência, as possíveis enviadas às redações, chegavam a se tornar notícia. Entre as 1.333 explicações para se recusar uma notícia, 800 estavam relacionadas à falta de espaço, 300 alegavam a sobreposição com histórias já contadas, ou a simples falta de interesse jornalístico. “A conclusão de White é que o processo de seleção é subjetivo e arbitrário; as decisões do jornalista eram altamente subjetivas e dependentes de juízos de valor baseados no ‘conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper*’”. (TRAQUINA, 2005, p. 150).

Em um primeiro momento, o foco do pesquisador era definir onde a ação de filtro era exercida, seja através do jornalista, do editor ou da própria organização. Posteriormente, White superou a ideia do *gatekeeper* como algo individual e acentua a ideia de um processo hierárquico, uma vez que é impossível desconsiderar a influência editorial de um veículo de comunicação, também ligado diretamente a uma complexa rede de feedback (WOLF, 2003, p. 186).

Porém, talvez mais importante do que saber onde é feita a seleção, seja entender a maneira e a razão porque ela é realizada. A rejeição de uma notícia através do *gatekeeping* na comunicação de massa é fonte de um paradoxo: ao mesmo tempo em que notícias são descartadas corriqueiramente, o seu fazer é um fato complexo, que pode envolver todas as formas de controle e manipulação da informação, por exemplo. Por outro lado, voltamos à teoria de que reduzir (o número de fatos noticiados) é ao mesmo tempo ampliar (o conhecimento sobre aqueles que viram notícia). O equilíbrio entre um extremo e outro é algo igualmente complexo a ser alcançado.

A introdução progressiva de computadores e telefones, a popularização de redes mundiais de informação com acesso fácil e direto, transmissões em tempo real de falas e imagens afetam a estrutura da comunicação, tornando-a cada vez mais abrangente e

globalizada. A informação, que em sua grande maioria era prestada pelo modelo um-todos, ou seja, a notícia era transmitida de forma unidirecional, se transformou, com a acessibilidade das câmeras digitais e de outros equipamentos, no modelo todos-todos, onde as pessoas se tornam integradas aos veículos e ao mesmo tempo em que recebem, passam a enviar informação.

A abertura de sites noticiosos à construção participativa de notícias e ao seu debate levanta novas questões não apenas sobre o webjornalismo, mas também exige renovados debates em tomo do sistema produtivo e dos próprios ideais jornalísticos. [...] A tentação dos arautos messiânicos que inspiram tantos debates sobre a cibercultura é de, após postular a morte do autor, anunciar a do jornalista. Ou que o próprio jornalismo deixou de existir. Deixando de lado tais slogans afoitos, é preciso reconhecer que tanto a teoria da comunicação quanto as reflexões sobre o fazer jornalístico e seu impacto social encontram novos elementos que desequilibram os mais sólidos paradigmas. (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 2).

Deste modo, a reflexão sobre os novos meios de se fazer jornalismo apresenta o que pode ser, no futuro, pilares representativos para novos jornalistas, assim como a teoria do espelho tem sido, desde o início da teorização ao redor do jornalismo, um ideal a ser buscado. Em um ambiente em que o número de possíveis notícias e de produtores de notícias cresce exponencialmente, torna-se indispensável uma seleção minuciosa, responsável e honesta do que deve ser levado ao público.

Na tentativa de se fazer uma seleção mais próxima de algo justo, surgem então, muito antes da internet, os critérios de relevância ou critérios de noticiabilidade. Afinal, o que é notícia? Que fatos merecem ser relatados no jornal de hoje? Wolf faz sua definição:

A Noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas [...] Pode-se dizer também que a noticiabilidade está ligada ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (WOLF, 2003, p. 195-196).

Vários pesquisadores e acadêmicos se dedicaram a compreender quais seriam os chamados valores-notícia. Traquina (2008) cita, em seu livro **A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa e transnacional**, Mitchell Stephens, que se refere a esses valores como “qualidades duradouras das notícias”. Essas qualidades básicas do que deve ser noticiado sofreram pequenas alterações ao longo do tempo e da evolução jornalística.

Para Stephens, as qualidades duradouras são o extraordinário, o insólito (o homem que morde o cão), o atual, a figura proeminente, o ilegal, as guerras, a calamidade e a morte. Ainda segundo o pesquisador, a humanidade tem perpetuado, com consistência, um interesse semelhante em notícias que envolvam tais temas, através da história e de diferentes culturas, criando como consequência um interesse quase inato, inevitável.

A primeira tentativa de identificar e classificar de forma sistemática os fatores que influenciam o fluxo de notícias é representada pelo estudo de Galtung e Ruge (1965/1993), resgatado por Traquina (2008). Em resposta aos questionamentos de como um fato se torna notícia, os pesquisadores enumeraram doze valores-notícia.

1) a frequência, ou seja, a duração do acontecimento; 2) a amplitude do evento; 3) a clareza ou falta de ambiguidade; 4) a significância; 5) a consonância, isto é, a facilidade de inserir o “novo” numa “velha” ideia que corresponda ao que se espera que aconteça; 6) o inesperado; 7) a continuidade, isto é, a continuação como notícia do que já ganhou noticiabilidade; 8) a composição, isto é, a necessidade de manter um equilíbrio nas notícias com uma diversidade de assuntos abordados; 9) a referência a nações de elite; 10) a referência a pessoas de elite, isto é, o valor-notícia da proeminência do ator do acontecimento; 11) a personalização, isto é, a referência às pessoas envolvidas; e 12) a negatividade, ou seja, segundo a máxima “*bad news is good news*”¹ (TRAQUINA, 2008, p. 69-70).

Wolf (2003, p. 88) ainda afirma que, apesar de serem uma lista delimitada, inevitavelmente individualizada, os valores-notícia agem de forma complementar. Entre os principais critérios ele comenta: 1. O grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento, citado por Galtung-Ruge e parcialmente citado por Golding-Elliot. “Quanto mais o fato interessar a pessoas de elite, maior será a probabilidade dele se tornar notícia”; 2. O impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional. Galtung-Ruge também se refere ao termo como “significatividade”. “A relevância referente ao sistema de valores ideológicos e aos interesses próprios do país em questão determina a importância de um evento.”; 3. Quantidade de pessoas que o acontecimento envolve, seja de fato ou potencialmente. “Os jornalistas atribuem importância às notícias que dizem respeito a muitas pessoas, e, quanto mais elevado for o número delas, mais importante é a notícia.”; 4. Relevância e significatividade do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação. Seriam os eventos prolongados, com vários desdobramentos.

Também podemos citar critérios como a proximidade, quando a notícia local é a grande preocupação, e a notícia de fora só será interessante em caso de alguma influência local; e ineditismo, quando a raridade do fato ou a sua improbabilidade o tornam noticiável. Todos esses valores também se apresentam como uma forma de proteção da ética jornalística, quando os interesses de grupos particulares deveriam ser subordinados aos mesmos.

A partir da introdução da imprensa, nos primórdios da modernização europeia, combinada nos séculos seguintes à extensão do sufrágio e às transformações sociais e políticas da democracia de massa, os jornais e jornalistas passaram para o centro da esfera pública, tornando-se elemento fundamental para a mediação entre os cidadãos e o Estado, bem como em personagens políticos de primeira grandeza, com suas atenções e opiniões disputadas por grupos e agentes de interesses. As relações tensas e complexas entre os jornalistas e a política já eram objeto de atenção e crítica de

¹ Más notícias são boas notícias (tradução nossa).

Honoré de Balzac, em 1843. A interação entre esfera pública e comunicação de massa está no centro do pensamento de vários teóricos da sociedade, progressivamente ao longo do último século. A investigação sobre os critérios de noticiabilidade, assim, ganha relevo tanto para a ciência política quanto para os estudos de comunicação. (ALDÉ et al., 2005, p. 186).

A noticiabilidade recebeu, ao longo do século XXI, novos valores, através de manuais de redação presentes na maioria dos veículos midiáticos. Essas transformações muito se devem a introdução de novas tecnologias na vida do homem como também no fazer jornalístico.

Outra teoria importante para se entender a construção dos valores-notícia na atualidade tem como ponto de partida a pesquisa de Maxwell McCombs e Donald Shaw. Regatada por Mauro Wolf (2001), a *agenda-setting*, ou teoria do agendamento, propõe que os meios de comunicação são capazes de transferir tópicos pautados em sua agenda midiática de maneira salientada para a agenda da audiência, assim preterindo determinados temas enquanto ofusca ou ignora outros.

Ao estudarem a forma como os veículos de comunicação cobriam campanhas políticas e eleitorais, McCombs e Shaw constataram que a principal intenção da imprensa é pautar os assuntos da esfera pública, dizendo às pessoas não "como pensar", mas "em que pensar".

Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos mass media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. (SHAW apud WOLF, 2001, p. 144).

A função de agendamento é descrita como um processo de três níveis: 1) *Media agenda* ou Agenda Midiática, quando são apresentadas as questões discutidas na mídia. 2) *Public Agenda* ou Agenda Pública ou da Sociedade Civil, neste caso são questões discutidas e pessoalmente relevantes para o público. 3) *Policy Agenda* ou Agenda de Políticas Públicas, são as questões que gestores públicos consideram importantes.

Um dos debates gerados pela Teoria do Agendamento são as questões de causalidade: é a agenda midiática que pauta a agenda da sociedade, ou o contrário? Em seu livro *News that Matter*, Shanto Iyengar e Donald R. Kinder (1987) estabelecem uma relação de causalidade com um estudo experimental no qual identificaram que o *priming*, a clareza da apresentação e a posição assumida pelo comunicador eram determinantes na importância dada a uma matéria de jornal. Embora a teoria do agendamento seja apresentada como um conjunto integrado de pressupostos e de estratégias de pesquisa, para Wolf (1987), na realidade, a

homogeneidade sobre o tema existe mais a nível de enunciação geral da hipótese do que no conjunto de confrontações e de verificações empíricas, explicado pela falta de uma certa homogeneidade metodológica.

No estado atual, a hipótese do agenda-setting é, portanto, mais um núcleo de temas e de conhecimentos parciais, susceptível de ser, posteriormente, organizado e integrado numa teoria geral sobre a mediação simbólica e sobre os efeitos de realidade exercidos pelos mass media, do que um modelo de pesquisa definido e estável. (WOLF, 1987, p. 144).

É com base nos valores citados e na evolução vivida por esses elementos durante os últimos séculos que faremos uma análise do que motivou a escolha das notícias que envolveram a Copa das Confederações da Fifa, realizada entre os dias 15 e 30 de junho de 2013, nos campos político e esportivo, estampadas nos jornais **O Globo** e **Folha de S. Paulo**.

Propomos, ainda, uma reflexão sobre até que ponto aquele mês influenciou o país do futebol a abandonar a apatia política vivida durante a última década e até onde vai a representatividade do período como um marco inicial em uma nova conjuntura política nacional. Também buscaremos respostas sobre o grau de influência desses veículos no teor e no número de manifestações pelo país, além de apresentarmos os debates promovidos pelas manifestações sobre o próprio jornalismo brasileiro.

2.2 A COPA DAS CONFEDERAÇÕES E O INÍCIO DAS AGITAÇÕES SOCIAIS

A Copa das Confederações é considerada pela Fifa² um evento teste para o país sede. Designada como uma competição da organização em dezembro de 1997, foi realizada pela primeira vez em 1992, na cidade de Riad, na Arábia Saudita, ainda sob o nome de Campeonato Intercontinental. Em 1992, a Argentina, então campeã sul-americana, tornou-se a primeira seleção a vencer o torneio. Desde então o evento passou pelo México, em 1999; pelo Japão e Coreia do Sul, em 2001; pela França, em 2003; pela Alemanha, em 2005; pela África do Sul, em 2009 e pelo Brasil, em 2013.

Uma das competições mais recentes a ser incluída na lista de torneios para seleções da Fifa, é realizada a cada quatro anos desde 2005, sempre um ano antes da Copa do Mundo de Futebol. Assim, a Fifa pode avaliar os estádios, a infraestrutura e todos os principais elementos envolvidos na organização do principal torneio futebolístico internacional. Devido aos participantes que a disputam, a competição é frequentemente citada como o torneio que aponta

² Sigla para “Fédération Internationale de Football Association” (Federação Internacional de Futebol).

o "campeão dos campeões". A Copa das Confederações da Fifa dá aos principais selecionados de todos os continentes a chance de representarem as suas regiões em um torneio mundial.

Segundo Vania Oliveira Fortuna (2013), o cenário urbano e social de uma cidade se reinventa a cada megaevento por ela produzido. As efervescências sociais se imprimem cada vez mais no cotidiano das metrópoles, agendando novos discursos e novas formas de perceber e experimentar a cidade. Em um evento como a Copa das Confederações Fifa, essas transformações foram ainda mais profundas, pois envolveram não só uma, mas, no caso brasileiro, seis cidades-sede, em três regiões do país, evoluindo para 12 cidades-sede na Copa do Mundo Fifa de Futebol, em 2014.

Com o anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo Fifa de Futebol em 2007, e das Olimpíadas de 2016 em 2009, o país se tornou palco de dois dos principais eventos esportivos mundiais. Com o passar dos anos, a comemoração por sediar o campeonato cedeu lugar ao descontentamento por parte da população. Em 2013, quando essa insatisfação atingiu seu ápice e uma série de manifestações repercutiram por todo o país, assunto que apresentaremos no próximo capítulo, um dos principais temas discutidos pelas pessoas nas ruas era a necessidade da realização de uma Copa do Mundo no Brasil e o seu alto custo que, segundo a matriz de responsabilidades, documento divulgado pelo governo federal, atingiu cerca de R\$ 26 bilhões.

Se, por um lado, a história mostra que a transformação positiva gerada pela recepção de grandes eventos pode ser maior do que a esperada, como no caso de Londres e Paris, sedes de Exposições Universais no século XIX:

Londres e Paris se transformam sob o influxo das Exposições Universais do século XIX. As novas técnicas, a velocidade das informações, o redesenho do espaço urbano, toda sobrecarga sensorial que hiperestimula o homem moderno é fundamental para a transformação da estrutura física dos eventos tradicionais em "mega" produções (FORTUNA, 2013, p. 2),

O mesmo também pode ser visto em eventos mais recentes, como em Barcelona, sede dos Jogos Olímpicos de 1992.

em 1987, Barcelona foi escolhida para sediar os Jogos Olímpicos de 1992, o que mudou completamente as possibilidades de ação sobre a cidade e a escala das intervenções. Os investimentos para os Jogos Olímpicos, com a implicação de diferentes níveis de governo, foram uma oportunidade para grandes projetos de infraestrutura, tais como a estação de tratamento de água, novos sistemas de esgoto, nova infraestrutura de eletricidade e cabo de fibra óptica. São projetos menos visíveis e menos espetaculares, porém imprescindíveis, e difíceis de executar com os orçamentos correntes, pois exigem grandes investimentos. Assim, foi possível realizar estas melhorias invisíveis, e ao mesmo tempo, investir naquilo que sim, se vê, como as instalações desportivas, a recuperação e criação de praias e passeios marítimos, as

avenidas perimetrais, etc. Sem esta oportunidade, essas melhorias demorariam muitos anos para serem realizadas. (MUXI, 2012, p. 116).

Por outro, o Brasil foi observado com receio não só pelo seu próprio povo, muitas vezes incrédulo sobre os preparativos para o evento, mas também retratado por parcela do mundo através de obras atrasadas, acidentes na construção dos estádios, ondas de violência e, principalmente, por uma possível incompetência organizacional. Esse cenário pessimista foi amplamente divulgado pelos veículos midiáticos nacionais e internacionais.

Se o governo brasileiro promete a melhor Copa de todos os tempos, não é isso que o jornal britânico 'The Times' espera. A publicação listou diversos problemas na organização do Mundial com a manchete 'Caos no Brasil deixa Fifa sob aviso da pior Copa do Mundo'. A matéria fala sobre atrasos em diversas obras, falando que o país provavelmente vai perder os prazos para a instalação das tecnologias de informação, indispensável para a transmissão ao vivo para o mundo todo. Os aeroportos também são citados, que segundo o jornal estão em reforma e correm risco de não estarem prontos para a competição. A publicação também falou sobre problemas de segurança e a distância entre as sedes. Os protestos e a possível repetição deles durante a Copa do Mundo também causam preocupação. (MARTINS, 2014).

Esses problemas, o alto custo das obras de preparação para o mundial, a eliminação de obras de mobilidade urbana, propagadas como o verdadeiro legado da Copa, os problemas sociais já enfrentados pelo país, a estagnação econômica e a volta, mesmo que discreta, da inflação, formaram, reunidos, o estopim para intensas manifestações populares no país.

2.3 A COBERTURA NA GRANDE IMPRENSA BRASILEIRA E O NOSSO OBJETO DE ESTUDO

Para fazer uma análise sobre a cobertura dos eventos que envolveram a Copa das Confederações e as manifestações de junho de 2013, escolhemos dois dos maiores jornais impressos do país: a **Folha de S. Paulo**, da capital paulista e o jornal **O Globo**, do Rio de Janeiro.

Entre os motivos que podemos citar para essa seleção está 1) a representatividade dos jornais que, juntos, somam uma circulação diária de mais de 600 mil exemplares. Sendo, respectivamente, o primeiro e o segundo jornal mais vendidos do país; 2) a característica de jornais de alcance nacional 3) o fato de serem sediados nas duas mais populosas cidades brasileiras, onde também ocorreram os maiores protestos; e 4) o histórico de cobertura de grandes eventos nacionais e internacionais.

Para entender a atual conjuntura desses jornais, faremos, primeiro, uma passagem pela história da imprensa brasileira e, em seguida, pela fundação, história, controvérsias e pessoas envolvidas na criação e produção de ambos os veículos citados.

2.3.1 O nascimento da imprensa no Brasil

Conforme nos diz Sodré (1998), a imprensa no Brasil tem seu início tardiamente, no ano de 1808, com a chegada da família real portuguesa ao Brasil. Até então eram proibidas toda e qualquer atividade relacionada, não permitindo assim, que nenhuma publicação fosse produzida na colônia, o que também incluía livros e panfletos. Esta era uma peculiaridade da América Portuguesa, uma vez que nas demais colônias europeias no continente a imprensa se fazia presente desde o século XVI.

Nascida oficialmente na cidade do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1808, a Imprensa Régia, hoje Imprensa Nacional, foi fundada pelo então príncipe-regente Dom João. Também em 1808 nasce a **Gazeta do Rio de Janeiro**, o primeiro jornal publicado em território nacional, que começaria a circular em 10 de setembro de 1808, sendo sua impressão feita em máquinas trazidas da Inglaterra. Como um órgão oficial do governo português, o jornal só publicava notícias favoráveis ao governo.

Poucos meses antes, o exilado Hipólito José da Costa lança, de Londres, o **Correio Braziliense**, primeiro jornal brasileiro — ainda que publicado fora do Brasil. O número de estreia do **Correio Braziliense** é datado de 1 de junho de 1808, mas só chega ao Rio de Janeiro em outubro, onde tem grande repercussão nas camadas mais esclarecidas. A sua circulação foi proibida e apreendida pelo governo, uma vez que seu conteúdo foi considerado subversivo.

A proibição e a repressão à imprensa encontravam justificativa no fato de que a regra geral do jornalismo de então não era o que se conhece hoje como noticiário, e sim como doutrinário, capaz de pesar na opinião pública, como pretendia o **Correio Braziliense**, e difundir suas ideias entre os formadores de opinião, ou seja, propaganda ideológica.

O jornal de Hipólito destinava-se a conquistar opiniões; esta era sua finalidade específica. Mensalmente, reunia em suas páginas o estudo das questões mais importantes que afetavam a Inglaterra, Portugal e o Brasil, questões velhas ou novas, umas já postas de há muito, outras emergindo com os acontecimentos. Em tudo o **Correio Braziliense** se aproximava do tipo de periodismo que hoje conhecemos como revista doutrinária, e não jornal; em tudo a **Gazeta** se aproximava do tipo de periodismo que hoje conhecemos como jornal — embora fosse exemplo rudimentar desse tipo. (SODRÉ, 1998, p. 22).

Até 1820, apenas a **Gazeta** e revistas impressas na própria Imprensa Régia tinham licença para circular. No ano seguinte, em 28 de agosto é extinta a censura prévia, decorrente de deliberação das Cortes Constitucionais de Lisboa em defesa das liberdades públicas (pondo fim, em Portugal, a três séculos de censura). A própria personalidade de D. Pedro II, avessa a perseguições, garantia um clima de ampla liberdade de expressão — em nível não conhecido por nenhuma república latino-americana, graças aos caudilhos autoritários que lá se alternavam.

No mesmo ano, surge também no Rio de Janeiro o primeiro jornal diário do país: o **Diário do Rio de Janeiro** (1821-1878). Dois anos depois, em 1823, surge em São Paulo **O Paulista**, primeiro jornal a entrar em circulação no estado. Com a liberdade de imprensa garantida pela constituição outorgada de 1824, a características dos jornais brasileiros era de uma imprensa engajada em suas próprias correntes.

Essa característica proporcionou o surgimento de diversos jornais mantidos por militantes que careciam de organização institucional e de profissionalismo jornalístico. Nos tempos de maior exaltação na campanha republicana (1870-1878 e 1886-1889), surgem dezenas de jornais efêmeros que não durariam mais que alguns meses.

Por outro lado, alguns ganharam importância social e permaneceram no mercado durante anos. Entre os principais jornais da época imperial estavam, em primeiro grau de importância, a **Gazeta de Notícias** e **O Paiz**, os maiores de então e os que sobreviveram mais tempo, até a Era Vargas. Os demais foram o **Diário de Notícias**, o **Correio do Povo**, a **Cidade do Rio**, o **Diário do Comércio**, a **Tribuna Liberal**, alguns jornais anteriores a 1889, mas de fortíssima campanha republicana, como **A Republica**, e as revistas de caricatura e sátira: a **Revista Ilustrada**, **O Mequetrefe**, **O Mosquito** e **O Bezouro**. Outros ainda eram o **Jornal do Comércio** e a **Gazeta da Tarde**.

Já em 1921 surge o que viria a ser no futuro o maior jornal em termos de circulação do país: a **Folha de S. Paulo**, que na época atendia por “**Folha da Noite**”, devido ao seu horário noturno. Nos anos seguintes o jornal ampliou sua produção chegando a ter três edições por dia com a **Folha da Manhã** e a **Folha da Tarde**. Na capital fluminense surge, em 1925, o jornal **O Globo**, comandado jornalista Irineu Marinho, que morre um mês depois de sua estreia. Assume então seu filho, Roberto Marinho, que fica à frente da presidência das Organizações Globo até sua morte, em 2003.

Para entender melhor a escolha das notícias no âmbito das manifestações de 2013, é necessário primeiro nos aprofundarmos no perfil e na história de cada folhetim. Faremos

agora uma passagem pela evolução dos dois jornais que hoje atingem mais de 600 mil cópias diárias.

2.3.2 Folha de S. Paulo

Segundo o acervo histórico do Grupo Folha, a **Folha de S. Paulo** é um jornal fundado em 19 de fevereiro de 1921 por um grupo de jornalistas liderado por Olival Costa e Pedro Cunha, com o nome de **Folha da Noite**. No início, era um jornal vespertino, com um projeto que pregava textos mais curtos e mais claros, enfoque mais noticioso que opinativo, agilidade e proximidade com os assuntos que afetavam o dia a dia da população paulistana, principalmente os trabalhadores urbanos. Foi criada em oposição ao principal jornal da cidade, **O Estado de S. Paulo**, que representava as elites rurais e assumia uma posição mais conservadora, tradicional e rígida.

O empreendimento foi bem-sucedido, levando os sócios a comprar uma sede própria e, em julho de 1925, a criar um segundo jornal, agora matutino: a **Folha da Manhã**. Na época, ao se mudar para um casarão na rua do Carmo, onde passaram a funcionar as oficinas, a Revisão, a Redação e os escritórios da administração, o veículo compra a sua primeira impressora, uma rotativa alemã Koenig Bauer.

Em janeiro de 1931, o jornal é vendido para Octaviano Alves Lima, cafeicultor, que prioriza a defesa dos interesses da lavoura, defende o liberalismo e adota postura de oposição ao Estado Novo de Getúlio Vargas. A tiragem diária dos dois jornais passa de 15 mil para 80 mil exemplares diários. Ainda em janeiro, o nome da companhia é alterado para Empresa Folha da Manhã.

Na metade da década de 40 o controle acionário passa para as mãos de José Nabantino Ramos. Paralelamente é adotada a imparcialidade como política redacional. A atitude crítica é um dos motivos apontados para a troca de proprietários da empresa, ocorrida em 1945. Segundo João Baptista Ramos, irmão de José Nabantino Ramos, a compra das **Folhas** foi articulada por Getúlio Vargas, que queria ver-se livre do jornalismo de oposição comandado por Rubens do Amaral, declaradamente antigetulista.

Já no final da década, em 1949, a redação se muda da rua do Carmo para o edifício na Alameda Cleveland. A administração, a publicidade e a composição vão para o mesmo prédio no ano seguinte. O jornal é feito por meio de linotipo, processo que usa chumbo derretido para compor o texto. Em 1º de julho, é lançado o jornal **Folha da Tarde**. No mesmo ano,

Nabantino Ramos redigiu o primeiro manual de redação do veículo e também divulga a política editorial do veículo.

A **Folha** passou a ser conhecida também como o jornal das campanhas cívicas, pelo seu patrocínio a dezenas de campanhas em várias áreas: combate à corrupção e ao crime organizado, defesa de mananciais, melhorias de infra-estrutura, obras urbanas, entre outros.

As principais críticas das **Folhas** eram dirigidas aos partidos republicanos que monopolizavam os governos da época e faziam campanhas por melhorias sociais. A empresa chegou a apoiar a criação do Partido Democrático, de oposição. Em 1929, no entanto, Olival Costa, então o único dono das **Folhas**, passou a se aproximar dos republicanos paulistas e a repudiar opositores da Aliança Liberal, ligados a Getúlio Vargas.

Em 1950 a Folha muda novamente, desta vez para um prédio na Alameda Barão de Limeira e, três anos depois, o mesmo edifício passa a abrigar todas as instalações das **Folhas**: administração, redação, publicidade e oficinas de composição e impressão. Em dezembro de 1958 começa a circular a *Ilustrada*, caderno sobre cultura e variedades. A **Folha** já fazia cobertura de assuntos culturais desde a sua fundação, em 1921, mas não havia um caderno específico para esses temas. Em 1960, as três **Folhas** se unem em um único jornal surgindo como resultado a **Folha de S. Paulo**.

No final da década de 60, a **Folha** dá início à revolução tecnológica e à modernização do seu parque gráfico. A **Folha** é pioneira na impressão offset em cores, usada em larga tiragem pela primeira vez no Brasil. O equipamento é composto de três impressoras Goss Urbanite, de fabricação norte-americana, com capacidade para rodar até 45 mil jornais por hora cada uma.

O jornal assumiu em 2011³ ter não só colaborado com o golpe de 1964 e com a ditadura militar, mas também ter entregue a redação da **Folha da Tarde**, em 1969, para agentes

³ A **Folha de S. Paulo** declarou, em editorial comemorativo aos seus 90 anos, que apoiou o golpe militar de 1964. “A **Folha** apoiou o golpe militar de 1964, como praticamente toda a grande imprensa brasileira. Não participou da conspiração contra o presidente João Goulart, como fez o **Estado**, mas apoiou editorialmente a ditadura, limitando-se a veicular críticas raras e pontuais. Confrontado por manifestações de rua e pela deflagração de guerrilhas urbanas, o regime endureceu ainda mais em dezembro de 1968, com a decretação do AI-5. O jornal submeteu-se à censura, acatando as proibições, ao contrário do que fizeram o **Estado**, a revista **Veja** e o carioca **Jornal do Brasil**, que não aceitaram a imposição e enfrentaram a censura prévia, denunciando com artifícios editoriais a ação dos censores. As tensões características dos chamados “anos de chumbo” marcaram esta fase do Grupo Folha. A partir de 1969, a **Folha da Tarde** alinhou-se ao esquema de repressão à luta armada, publicando manchetes que exaltavam as operações militares. A entrega da Redação da **Folha da Tarde** a jornalistas entusiasmados com a linha dura militar (vários deles eram policiais) foi uma reação da empresa à atuação clandestina, na Redação, de militantes da ALN (Ação Libertadora Nacional), de Carlos Marighella, um dos ‘terroristas’ mais procurados do país, morto em São Paulo no final de 1969. Em 1971, a ALN incendiou três veículos do jornal e ameaçou assassinar

dos órgãos de segurança da época. No mesmo comunicado, a **Folha** também reconhece que se submeteu à censura e às proibições do regime, ao contrário de outros jornais que se fizeram de artifícios editoriais para enfrentar a censura prévia.

Uma das acusações⁴ que se dirigem ao grupo relatam que o mesmo teria emprestado carros para que policiais do Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi), órgão de repressão da ditadura, fizessem campanha e prendessem militantes da esquerda. A convicção de que a **Folha** apoiava ativamente a ditadura levou um grupo a interceptar e incendiar camionetes do jornal e a ameaçar Octavio Frias, diretor de redação, no final de 1971.

Já na década de 1980, a modernização do parque gráfico leva o jornal a assumir a liderança na imprensa diária, sendo até hoje o jornal com maior circulação no país. Em 1983, se torna a primeira redação informatizada da América do Sul, com a instalação de terminais de computador para redação e revisão de textos.

Em 1989, nas primeiras eleições diretas do país após a redemocratização política, a **Folha** adota uma postura crítica com relação à candidatura de Fernando Collor apesar de declarar não ter tomado editorialmente nenhum lado na campanha, assumindo o que qualifica como “preceito de manter a independência em relação aos partidos políticos”, em seu acervo histórico. No ano seguinte, já eleito, Fernando Collor determina que a Polícia e a Receita Federal façam uma diligência nos escritórios do grupo a fim de procurar irregularidades em sua contabilidade. O ato foi visto pelo jornal como uma represália às denúncias feitas pelo mesmo à campanha de Collor.

Mesmo sendo de oposição, a **Folha** publica, em 1990, editorial de apoio ao plano econômico do presidente, chamado de Plano Collor, no qual o estado congelou contas bancárias, cadernetas de poupança e aplicações financeiras acima de US\$ 1.250, como uma tentativa de reverter o cenário negativo da época. Apesar de respaldar o plano econômico de Collor, em 1991 a **Folha** dá início em suas páginas à campanha pelo seu *impeachment*, que acontece no ano seguinte.

A chegada dos anos 2000 marca a entrada da **Folha** no mundo *online*: surgem a **Folha WAP**, para celulares, e o **Folha Online**, para navegação na internet convencional. No

seus proprietários. Os atentados seriam uma reação ao apoio da **Folha da Tarde** à repressão contra a luta armada”. (PILAGALLO, 2011).

⁴ “Segundo relato depois divulgado por militantes presos na época, caminhonetes de entrega do jornal teriam sido usados por agentes da repressão, para acompanhar sob disfarce a movimentação de guerrilheiros. A direção da **Folha** sempre negou ter conhecimento do uso de seus carros para tais fins”. (PILAGALLO, 2011).

mesmo ano o jornal se associa a Infoglobo Comunicações, responsável pela publicação do **O Globo**, na criação do jornal econômico **Valor**.

Em 2002, a chegada das eleições presidenciais é marcada pelo mote da mudança. Apesar de ser a quarta eleição democrática desde a reabertura política do país, suas características lembravam as eleições de 1989, quando a situação enfrentava dificuldades de se manter no cargo, devido ao alto número de eleitores descontentes⁵. Foi caracterizada por indefinições e surpresas e, desde o começo do ano, se tornou assunto relevante nas páginas políticas dos grandes jornais. Na **Folha**, esse destaque favoreceu o então candidato José Serra.

Os jornais, especialmente a **Folha de S. Paulo**, mostram os movimentos de FHC [Fernando Henrique Cardoso] para favorecer o candidato oficial, orientando os ministros a viajar para inaugurar obras, lançando plano habitacional, liberando verbas do orçamento da União e baixando os juros através do Banco Central. É do mesmo período a declaração pública do ministro Malan de voto em Serra. Nada disso parece ter o efeito de melhorar o desempenho do tucano. (ALDÉ, 2003, p. 18).

Em outubro de 2002, Luiz Inácio Lula da Silva venceu sua primeira eleição presidencial, levando o Brasil ao seu primeiro governo de esquerda. Com 61,27% dos votos e quase 53 milhões de eleitores, Lula, na época, se tornou o segundo presidente mais votado do mundo em números absolutos.

Em 6 de junho de 2005, a **Folha de S. Paulo** publicou uma entrevista do deputado federal Roberto Jefferson a Renata Lo Prete, editora do Painel da Folha, com uma denúncia de pagamentos mensais de 30 mil reais realizados pelo tesoureiro do Partido dos Trabalhadores (PT), Delúbio Soares, a alguns deputados da base aliada, com o objetivo de aprovar emendas favoráveis ao governo. A partir daí, o caso desdobrou-se em inúmeras acusações e investigações sobre o que a imprensa passou a denominar "escândalo do mensalão", um dos maiores escândalos da política brasileira, resultando na instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), cassação e renúncia de diversos parlamentares, afastamentos de diversos ministros e funcionários de altos escalões do poder executivo e do PT.

Durante o seu período de existência, a **Folha** coleciona furos de reportagem como o do caixa dois na campanha de FHC, o "mensalão" no governo Lula e denúncias que ajudaram a tirar Erenice Guerra da pasta da Casa Civil fazem parte da sua história. Foi o primeiro veículo de comunicação do Brasil a adotar a figura do *ombudsman*, o representante da população dentro de uma instituição, e a oferecer conteúdo *online* a seus leitores. Atualmente conta com os

⁵ Segundo pesquisa de 2002 do Datafolha, Fernando Henrique Cardoso encerrou seu governo com taxa de aprovação de apenas 26% da população. Enquanto isso, os que consideravam a administração ruim ou péssima eram 36%.

cadernos Poder, Mundo, Mercado, Cotidiano, Ciência + Saúde, Folha Corrida, Esporte e Ilustrada.

2.3.3 O Globo

De acordo com o portal Memória [s.d.], que resgata as edições de **O Globo**, o veículo foi fundado em 29 de julho de 1925. Parte integrante das Organizações Globo, tem o início de suas operações na Rua Bettencourt da Silva, no Largo da Carioca. O nome veio de um concurso promovido por Irineu Marinho, então diretor do jornal.

Desde então, na sua capa, já estiveram fatos históricos como o fim da República Velha, a inauguração do Cristo Redentor e da Ponte Rio-Niterói, o suicídio de Getúlio Vargas, o assassinato de Chico Mendes, a conferência Rio 92, o desabamento do Palace II, as tragédias na Boate Kiss e na região serrana carioca, bem como do nosso objeto de estudo, as manifestações de 2013.

Mas Irineu Marinho ficou pouco tempo à frente do **Globo**. Morreu aos 49 anos, no dia 21 de agosto de 1925, pouco menos de um mês após o lançamento da primeira edição de seu jornal. Roberto Marinho, o primogênito, preferiu entregar a direção do veículo ao jornalista Eurycles de Mattos, amigo de confiança de Irineu, somente assumindo o controle efetivo após a morte do mesmo, em 1931. Com o agravamento do conflito político nos últimos momentos da República Velha, a partir do final de 1929, o jornal expressa em várias de suas primeiras páginas oposição a Washington Luís e defende propostas da Aliança Liberal. Na edição de 21 de setembro de 1930, “a poucos dias de eclodir a Revolução, em 3 de outubro, é concedido grande destaque a um manifesto da Aliança, com a citação de algumas lideranças do movimento: Ruy Barbosa, Luiz Carlos Prestes e Nilo Peçanha”. (APOIO À CHEGADA..., s.d.).

O apoio a eleição de Vargas se deu quando o jornal lutava pela desmontagem da estrutura de poder que mantinha elites paulistas e mineiras no comando, em constante rodízio, batizada como política do “café com leite”. Para o jornal, a busca por um regime democrático de fato o levou a apoiar Getúlio Vargas em 1930 e, pelas mesmas razões, marcar forte oposição durante o período ditatorial de seu governo, diversas vezes, até o seu suicídio, em 1954.

Aos 26 anos, e depois de ganhar mais experiência como jornalista trabalhando na redação do **Globo**, Roberto Marinho assumiu a direção do jornal em 1931. A partir da edição de 8 de maio, ele passa a ocupar o cargo de diretor-redator-chefe. Roberto Marinho ficou no comando até sua morte, em 6 de agosto de 2003.

Em 1939, o jornal lança a primeira telefoto da imprensa brasileira, estampada com a nadadora Piedade Coutinho, ao se classificar para a prova final dos 400 metros nado livre na Olimpíada de Berlim. Ao longo da Segunda Guerra Mundial, o jornal publicaria, com ineditismo na imprensa brasileira, radiofotos do conflito. Na edição de 27 de junho de 1959, estampou em sua capa a primeira radifoto em cores publicada na América Latina. A foto registrava uma solenidade no Canadá, em que a rainha Elizabeth, da Inglaterra, e o presidente Eisenhower, dos EUA, inauguraram um canal para a navegação direta entre os Grandes Lagos e o Oceano Atlântico.

Na metade da década de 50, o processo de expansão vivido pelo jornal é evidenciado pela inauguração de sua nova sede, na Rua Ireneu Marinho, assim nomeada em homenagem ao fundador do jornal. O novo prédio passa a abrigar todos os seus serviços: redação, oficina, salas de recepção, clichéria, salas de radiofotos e de teletipos.

Com uma linha editorial de vocação política conservadora, as Organizações Globo sempre usaram argumentos como a modernidade, a manutenção de uma economia pulsante, a preservação da democracia e a luta contra o socialismo para fazer duras críticas contra todas as reformas de base promovidas pelo então presidente João Goulart ou contra qualquer outro presidente que tentasse fazer o mesmo.

Algumas empresas de comunicação foram duramente criticadas e acusadas por apoiar os militares e por manter política editorial alinhada com o conservadorismo político, na defesa dos interesses das elites sócio-econômicas que o golpe de 64 encarnava. Nenhuma o foi tanto quanto a Rede Globo de Televisão. (FANTINATTI, 2007, p. 1).

Em contradição à “luta pela democracia” declarada pelo veículo durante a Era Vargas, em 1964, **O Globo** estampa na sua capa um editorial em que celebra o sucesso do golpe militar brasileiro. Nele, o jornal afirma que a democracia estava “sendo reestabelecida” pelos militares.

Vive a Nação dias gloriosos. Porque souberam unir-se todos os patriotas, independentemente de vinculações políticas, simpatias ou opinião sobre problemas isolados, para salvar o que é essencial: a democracia, a lei e a ordem. Graças à decisão e ao heroísmo das Forças Armadas, que obedientes a seus chefes demonstraram a falta de visão dos que tentavam destruir a hierarquia e a disciplina, o Brasil livrou-se do Governo irresponsável, que insistia em arrastá-lo para rumos contrários à sua vocação e tradições. (RESSURGE..., 1964, p. 1).

Em 1979, o jornal volta a ser pioneiro ao lançar uma nova versão do “Globo Esportivo”, em cores — suplemento no qual foi publicada a primeira telefoto em cores transmitida no Brasil, num jogo em Recife entre Flamengo e Santa Cruz.

Em 1982, a cobertura das eleições estaduais ao governo do Rio de Janeiro provocaria grande polêmica, uma vez que o jornal foi acusado de tentar fraudar o seu resultado, prejudicando o então candidato Leonel Brizola: o evento ficou conhecido como “Caso Proconsult”. **O Globo** negou as denúncias atribuindo o erro a “diferentes métodos de acompanhamento da totalização dos votos” e a “lenta apuração” dos mesmos. Para **O Globo**, esses fatos associados a uma “teoria conspiratória” tornaram o jornal e a TV Globo alvo das acusações.

O jornal é criticado não só pelo apoio ao golpe de 1964 como pela manutenção de laços estreitos com os governos militares que se seguiram. O apoio é declarado pelo próprio jornal em diversos momentos, inclusive em 1984, quando Roberto Marinho, proprietário do veículo, publica artigo em seu jornal declarando apoio ao Regime Militar desde o seu início em 1964 até o processo de abertura política.

O Globo, desde a Aliança Liberal, quando lutou contra os vícios políticos da Primeira República, vem pugnando por uma autêntica democracia, e progresso econômico e social do País. Em 1964, teria de unir-se aos companheiros jornalistas de jornadas anteriores, aos 'tenentes e bacharéis' que se mantinham coerentes com as tradições e os ideais de 1930, aos expedicionários da FEB que ocupavam a Chefia das Forças Armadas, aos quais sob a pressão de grandes marchas populares, mudando o curso de nossa história. (MARINHO, 1984).

Durante a campanha das “Diretas Já” o jornal foi acusado não só de abafar o movimento em suas páginas, como também desclassificá-lo ao atribuir a presença dos manifestantes aos shows promovidos por grandes artistas nacionais. **O Globo** simultaneamente acusou o governo estadual do Rio de Janeiro pelo uso da máquina em favor dos manifestantes. Leonel Brizola, então governador, era conhecido como um dos desafetos das organizações Globo pelas suas ideologias populistas e pelo caso Proconsult. Essa desavença se agravaria nos próximos anos.

Em 27 de janeiro de 1984, em meio às campanhas das “Diretas Já”, a publicação defendeu que sistemas indiretos ou mistos de preenchimento de cargos convivem com a democracia, citando os Estados Unidos como exemplo. Também classificou como “imprudência máxima” o estabelecimento do voto direto a apenas um ano da sucessão. Ainda segundo o jornal rebate as acusações dizendo que, no mesmo editorial, esclareceu que as “Diretas Já” tinham a preferência de “grande parte do eleitorado brasileiro”.

Com a redemocratização do país e a chegada das eleições diretas para presidente em 1989, o jornal, assim como as organizações Globo, apoiaram a candidatura de Fernando Collor de Melo à presidência do país, em contraposição a **Folha de S. Paulo**. A TV Globo foi ainda acusada de manipular a cobertura feita do debate dos presidencialistas, transmitido

nacionalmente, e de fazer edição tendenciosa de suas imagens, repetidas pelo Jornal Nacional no dia seguinte.

A vitória de Collor se mostraria um problema para **O Globo** quando, dois anos depois do começo de seu mandato, surgiram os primeiros escândalos de corrupção. O candidato que foi anunciado como o caçador de marajás, que confiscou a poupança de milhões de brasileiros para a estabilização econômica do país, foi acusado pelo seu próprio irmão, Pedro Collor de Mello, de estar envolvido em um grande esquema de corrupção.

Foi então que surgiu o movimento estudantil dos “caras-pintadas” que, realizado no decorrer de 1992, tinha como principal objetivo o *impeachment* de Collor. Diante dessa não programada realidade e à incapacidade da equipe do presidente em explicar os escândalos, o jornal se viu novamente obrigado a lidar com manifestações que iam contra sua ideologia conservadora.

O Globo e outros veículos tiveram que explicar essa realidade, dar aos protestos e ao movimento para tirar Collor do Planalto um sentido que não atentasse contra os interesses com os quais a grande imprensa estava vinculada.

Para a burguesia e o grande capital, era preferível explicar a queda de Collor como uma exigência de pacíficos e bem-humorados estudantes, movidos pela ética e pelo patriotismo, do que partilhar essa capacidade de mobilização entre trabalhadores, sindicalistas e partidos de esquerda, cujas reivindicações iriam muito além do fim da roubalheira e a punição dos culpados. Para explicar a crise e dar a ela um sentido aceitável, na sua ótica, **O Globo** selecionou a parte e apresentou-a como o todo, fixou a cobertura das manifestações nos estudantes e traçou para eles um perfil bem mais inofensivo, para os interesses do capital, do que o de militantes da CUT [Central Única dos Trabalhadores] ou do CGT [Comando Geral dos Trabalhadores]. [...] Na seleção de entrevistados que compusessem o perfil desejado para os caras-pintadas, **O Globo** privilegiou os estudantes de classes favorecidas ou mesmo da classe média, desde que afinados com os valores burgueses. Nos textos, eram definidos como “jovens, ricos e militantes” ou como integrantes da “juventude dourada”. Palavras de ordem contra os cartéis internacionais foram classificadas como “ultrapassadas”, enquanto que as lideranças que as evitavam eram apresentadas como “modernas e carismáticas” (FRANCESCHINI, 2005, p. 2-3).

Em 2011, Boni⁶, diretor da emissora à época do debate, também assumiu a manipulação da imagem de Collor para deixá-lo com uma imagem mais próxima ao povo brasileiro, característica anteriormente mais atribuída ao candidato de oposição, Luiz Inácio Lula da Silva. Em 20 de dezembro de 1995, **O Globo** passou por uma ampla transformação

⁶ José Bonifácio de Oliveira Sobrinho ou “Boni” (Osasco, 30 de novembro de 1935) é publicitário, empresário e se tornou conhecido nacionalmente por seu papel na direção da Rede Globo de Televisão acumulando também o cargo de vice-presidente de operações da emissora até 2001. Hoje é sócio da TV Vanguarda, afiliada Rede Globo no interior do estado de São Paulo.

gráfica. Na época, o jornal alterou radicalmente a sua apresentação, com a implantação de um novo projeto, desenvolvido em Nova York pelo escritório dos designers Milton Glaser e Walter Bernard. Adotou-se uma tipologia mais moderna, um logotipo adaptado às cores da bandeira brasileira e um novo conceito de redação. Na primeira página da edição do dia 20, uma quarta-feira, havia uma emblemática charge de Chico Caruso: o jornalista Roberto Marinho, em caricatura, aparecia lendo **O Globo** em oito diferentes padrões gráficos, representando as mudanças do jornal desde a sua fundação, em 1925.

Sete meses depois, o lançamento do site do **Globo** foi uma das marcas das comemorações de aniversário do jornal. O GLOBO ON, página na internet, foi desenvolvido com o princípio de ter uma identidade própria, misturando jornalismo mais ágil e melhor prestação de serviço.

Desde 1999, o parque gráfico do **O Globo**, passa a funcionar no quilômetro 2,5 da Rodovia Washington Luís (Rio-Petrópolis), em Duque de Caxias. O complexo, o maior da América Latina, ocupa uma área de 175 mil metros quadrados. Suas máquinas têm capacidade de imprimir 800 mil exemplares nos dias úteis e dois milhões aos domingos. O investimento total para erguer o parque foi da ordem de US\$ 180 milhões. No ano de 2012, **O Globo** passou por um novo processo de mudanças gráficas, com um redesenho que aperfeiçoou o projeto de 95. Na capa da edição do dia 29 de julho, que marcava o lançamento desse novo visual, o título “O novo **Globo**” chamava para uma informação aos leitores: “O seu jornal está de cara nova hoje, quando completa 87 anos de fundação e 17 anos depois da última reforma gráfica. Um caderno especial acompanha esta edição para explicar como foi esse processo de um ano e meio de mudanças”.

Na política, a oposição aos candidatos de esquerda se perpetuaria nas diversas eleições, incluindo a de 2002, quando Lula foi eleito pela primeira vez. **O Globo** alegava que um governo esquerdista poderia trazer de volta a instabilidade econômica, rechaçando a opinião de órgãos econômicos internacionais.

Em 2006, as organizações Globo voltam a ser acusadas de prejudicar a tentativa de reeleição do presidente através do enorme destaque dado à imagem do dinheiro que havia sido apreendido no contexto do escândalo do dossiê. Ressalta-se que, na mesma noite em que exibiu as fotos, o **Jornal Nacional** se absteve de informar sobre a tragédia do Voo Gol 1907, em que morreram 154 pessoas. Assim, ao mesmo tempo em que a notícia já repercutia no mundo inteiro, a edição ao vivo do jornal se dedicava somente a dar destaque à divulgação do escândalo político.

Em agosto de 2013, o grupo reconheceu como "um erro" o apoio ao golpe militar de 1964, por meio de editorial publicado à época dos 50 anos de seu acontecimento. Para o jornal, naqueles instantes, justificavam a intervenção dos militares pelo temor de um outro golpe, a ser desfechado pelo presidente João Goulart, com amplo apoio de sindicatos — Jango era criticado por tentar instalar uma “república sindical” — e de alguns segmentos das Forças Armadas.

O público de **O Globo** é composto, em sua maioria, por mulheres (54%) da classe B (43%), de 20 a 29 anos (25%). Entre seus colunistas figuram jornalistas como Ancelmo Gois, Arnaldo Bloch, Miriam Leitão e Luis Fernando Veríssimo.

3. AS MANIFESTAÇÕES DE 2013

É na República, proclamada em 1889, que o Brasil presencia suas maiores manifestações populares registradas. Seja pelo direito de votar (as “Diretas Já” em 1984), seja pelo descontentamento com a situação política (o *impeachment* de Collor em 1992) ou até mesmo pelo direito de escolha em ser ou não vacinado contra a varíola (revolta da vacina em 1904), essas manifestações mexeram em grau maior ou menor com todo o país, mudaram o destino da política nacional e a vida das pessoas.

Todas as manifestações citadas e outras que ocorreram durante a República tinham um propósito maior, um motivo que dava razão ao protesto. Talvez seja esse o principal ponto de complexidade dos manifestos de junho de 2013. Não existia um objeto único de discussão, tampouco um comando de grupo. Ainda assim, apesar do movimento não ter tornado explícito desde o início seus objetivos políticos, são incontestáveis as implicações políticas que ele apresentou. O primeiro grande protesto na era da internet foi democrático, organizado nas redes sociais e passado de pessoa para pessoa.

Democrático porque acolheu questões, ansiedades e necessidades de uma população que queria mais do que os serviços básicos e, muitas vezes, precários, oferecidos pelo governo. Nas ruas, eram vistos cartazes que pediam por educação, saúde, transporte, igualdade entre sexos, cores e sexualidades. Não podemos esquecer que também eram espalhados cartazes que repudiavam a realização da Copa do Mundo Fifa no país.

A proposta deste capítulo é discutir sobre as manifestações populares, com foco na conjuntura de acontecimentos que levaram milhões de pessoas às ruas, além dos reflexos provocados nas cidades-sede da Copa das Confederações Fifa e na cobertura do evento. Para Wagner de Melo Romão (2013, p. 1) as manifestações, que tiveram caráter episódico, evidenciado por um dos discursos amplamente divulgados, “o gigante acordou”, foram desencadeadas por uma sequência de fatores:

A existência de um movimento organizado que impulsionou as primeiras manifestações com uma demanda objetiva – o Movimento Passe Livre (MPL); ii) A descabida repressão policial que, a certa altura dos acontecimentos, alterou o posicionamento da mídia grande a favor dos manifestantes; iii) A concomitância de um evento esportivo de âmbito mundial que funcionou, ao mesmo tempo, como combustível e veículo da ocorrência das manifestações; e iv) O contexto de descontentamento generalizado com o sistema político.

Esses quatro fatores serão discutidos nas próximas páginas. Também discutiremos a forte influência da internet como ingrediente imprescindível e pulverizador das manifestações.

3.1 O ESTOPIM DO MOVIMENTO

Por se tratar de um ano eleitoral, não era estratégico para uma prefeitura municipal realizar aumento na tarifa das passagens em 2012. Alguns candidatos em campanha prometeram, ainda, não realizar aumento no ano seguinte, 2013. Com a pressão das companhias de transporte público e a impossibilidade de se manter o valor da tarifa, o ano de 2013, de certo modo, unificou o aumento geral das passagens de ônibus, em praticamente todas as cidades do país. Das capitais brasileiras, 11 registraram aumento na tarifa logo nos primeiros meses do ano, segundo notícia do **G1** (VEJA..., 2013).

Em junho de 2013, após o governo do estado de São Paulo e a Prefeitura da capital anunciarem o reajuste das passagens de ônibus, trens e metrô, emergiu, liderada pelo Movimento Passe Livre (MPL), uma onda de manifestações populares no país. Inicialmente realizada por grupo pequeno de participantes, composto praticamente por estudantes e integrantes do MPL, sua reivindicação ainda era focada no valor das passagens.

O então prefeito, Fernando Haddad⁷, havia adiado o aumento da tarifa aguardando a desoneração do Programa de Integração Social / Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (PIS/Cofins) para praticá-lo, o que ocorreu no dia 2 de junho, como noticiou Novaes (2013). As manifestações lideradas pelo MPL se iniciaram no dia 6 de junho e foram crescendo em número de participantes. Proporcionalmente, cresceu também a violência policial na contenção dos manifestantes. Essa conjunção culminou, no dia 13 de junho, quinta-feira, com a demonstração iniciada em frente ao Teatro Municipal, no centro da cidade, onde a Polícia Militar de São Paulo (PM/SP) atuou com violência desmedida ao longo da Rua da Consolação, Rua Augusta, Praça Roosevelt e Avenida Paulista.

Pelo menos 232 pessoas foram detidas pela Polícia Militar ontem (13) durante o quarto protesto contra o aumento das tarifas de ônibus, trens e metrô em São Paulo, muitas delas sem qualquer motivo a não ser a disposição de participar do ato público. As prisões começaram antes mesmo do início do protesto, no centro histórico da cidade, com grupos de policiais dando geral nas pessoas – a maioria jovens – que se dirigiam às escadarias do teatro Municipal, onde ocorria a concentração para o início do protesto. Segundo a polícia civil, 198 dos detidos foram levados ao 78º DP, no Jardins, e os demais 37 para o 1º DP, na Liberdade. A polícia informou também que 231 foram liberadas durante a madrugada e outras quatro ficaram presas sem direito à fiança, por terem sido enquadradas no crime de “formação de quadrilha” – prática típica de governos autoritários. Estas estão na carceragem do 2º DP, no Bom Retiro. (REDAÇÃO RBA, 2013).

⁷ Fernando Haddad (PT-SP) é advogado, acadêmico e prefeito da cidade de São Paulo. Foi eleito em 2012 com 55,57% dos votos. Com menos de um ano de gabinete, enfrentou os maiores protestos populares da história do país. Seu mandato tem duração prevista até 31 de dezembro de 2015.

Neste momento, os veículos de comunicação, em sua grande maioria, ainda tratavam os protestantes como “baderneiros” ou “saqueadores”, talvez como uma forma de induzir a população contra os protestos. Alguns manifestantes, por sua vez, assumiram uma evidente postura em oposição às grandes redes de comunicação, adotando atos de vandalismo e violência verbal e física. Com a evolução dos protestos, diversos ataques contra carros de reportagem e jornalistas foram registrados. Esses ataques eram direcionados à todas as grandes emissoras como Globo, SBT, Record e Band.

O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), disse na manhã desta quarta-feira (12) que é “intolerável a ação dos baderneiros”, ao comentar sobre os manifestantes que participaram dos protestos contra o reajuste das tarifas realizados nesta terça-feira (11) na capital paulista. O prefeito Fernando Haddad (PT) também comentou o protesto e afirmou à rádio CBN que “não vai dialogar em uma situação de violência” (ALCKMIN..., 2013).

São Paulo, em sua posição de maior cidade e centro financeiro do país, tem, entre suas características, a capacidade de imprimir certo ritmo às manifestações nacionais. Para Wagner de Melo Romão (2013) essa característica, aliada ao aumento das passagens de ônibus em grande parte dos municípios do país; à considerável “revolta” popular com os prefeitos que haviam prometido, em suas campanhas eleitorais, não efetuar aumentos no preço das passagens; a um movimento social enraizado, com crescente grau de organização e mobilização; e a uma capacidade enorme de manejo das redes sociais, em suas características de agregação e de rapidez na divulgação, foram fundamentais para o surgimento do movimento e, futuramente, seriam considerados o estopim para as grandes manifestações de junho.

Para a filósofa Marilena Chauí (2013), outros elementos também foram, mesmo que de maneira indireta, fundamentais para o surgimento de grupos como o MPL e as manifestações de 2013. Políticas adotadas pelos governos federais e estaduais, como o incentivo à compra do carro próprio, piorando a situação do tráfego; a falta de um plano diretor que regularize e beneficie o cidadão; e a falta de investimento em um transporte público de qualidade, teriam contribuído para o agravamento da qualidade de vida nas grandes cidades.

- explosão do uso do automóvel individual: a mobilidade urbana se tornou quase impossível, ao mesmo tempo em que a cidade se estrutura com um sistema viário destinado aos carros individuais em detrimento do transporte coletivo, mas nem mesmo esse sistema é capaz de resolver o problema;
- explosão imobiliária com os grandes condomínios (verticais e horizontais) e shopping centers, que produzem uma densidade demográfica praticamente incontrolável além de não contar com uma rede de água, eletricidade e esgoto, os problemas sendo evidentes, por exemplo, na ocasião de chuvas;
- aumento da exclusão social e da desigualdade com a expulsão dos moradores das regiões favorecidas pelas grandes especulações imobiliárias e o conseqüente aumento das periferias carentes e de sua crescente distância com relação aos locais de trabalho, educação e serviços de saúde. (No caso de São Paulo, como aponta Hermínia

Maricatto, deu-se a ocupação das regiões de mananciais, pondo em risco a saúde de toda a população); em resumo: degradação da vida cotidiana das camadas mais pobres da cidade;

– o transporte coletivo indecente, indigno e mortífero. No caso de São Paulo, sabe-se que o programa do metrô previa a entrega de 450 k de vias até 1990; de fato, até 2013, o governo estadual apresenta 90 k. Além disso, a frota de trens metroviários não foi ampliada, está envelhecida e mal conservada; além da insuficiência quantitativa para atender a demanda, há atrasos constantes por quebra de trens e dos instrumentos de controle das operações. O mesmo pode ser dito dos trens da CPTU, que também são de responsabilidade do governo estadual (CHAUÍ, 2013, p. 1).

A já precária qualidade de vida nos grandes centros urbanos se viu perpetuada quando as ações de reforma urbana que, prometidas como legado da Copa, foram retiradas em parte da matriz de responsabilidades⁸. Desse modo, ficariam como herança dos jogos apenas os estádios, considerados por muitos como “elefantes brancos”. Parte dos manifestantes ainda era contrária à política de remoção de grupos vulneráveis, como os índios da Aldeia Maracanã, necessária para realização de algumas das obras.

3.2 A VIOLÊNCIA POLICIAL COMO FATOR DE AMPLIAÇÃO DO MOVIMENTO

Figura 1 – Ação da Polícia Militar de São Paulo



Fonte: Vitor R. Caivano/AP. 17 jun. 2013

A ação da PM/SP (Figura 1) no dia 13 de junho marcou o começo de uma virada nos editoriais da imprensa, por todas as mídias, com relação ao movimento. Entre os motivos

⁸ A Matriz de Responsabilidades era responsável por determinar investimentos nas áreas prioritárias de infraestrutura das 12 cidades que receberam os jogos da Copa do Mundo. Obras de construção e reforma em aeroportos, portos, mobilidade urbana, estádios, segurança, telecomunicações e turismo eram prioridades que o governo federal deveria cumprir antes do começo dos jogos.

dessa mudança de posição, estavam a repressão da polícia não só aos militantes, como também a muitos repórteres e jornalistas que acabaram sendo atingidos por balas de borracha, disparadas em profusão pela polícia.

Esse grupo de policiais subiu a avenida até a Maria Antônia, caminhando no mesmo sentido da passeata. Parecia Londres.

Voltaram a fechá-la e, de novo, deixaram uma passagem. Tudo o que alguns manifestantes faziam era gritar “Você é soldado, você também é explorado” ou “Sem violência”. Alguns deles colavam cartazes brancos com o rosto do prefeito de São Paulo, “Maldadd”.

Num átimo, às 19h10, surgiu do nada um grupo de uns 20 PMs da Tropa de Choque, cinzentos, com viseiras e escudos. Formaram um bloco no meio da pista. Ninguém parou. Nenhum megafone mandando a passeata parar. Nenhuma advertência. Nenhum bloqueio, sem disparos, coisa possível em diversos trechos do percurso.

Em menos de um minuto esse núcleo começou a atirar rojões e bombas de gás lacrimogêneo. Chegaram-se A Istanbul.

Atiravam não só na direção da avenida, como também na transversal. Eram granadas Condor. Uma delas ficou na rua que em 1968 presenciou a pancadaria conhecida como “Batalha da Maria Antônia”. Alguns sobreviventes da primeira batalha, sexagenários, não cheiram mais gás (suave em relação ao da época), mas o bouquet de vinhos.

Seguramente a Polícia Militar queria impedir que a passeata chegasse à avenida Paulista. Conseguiu, mas conseguiu que a manifestação se dividisse em duas. Uma, grande, recuou. Outra, menor, conseguiu subir a consolação.

Eram pessoas perfeitamente identificáveis. A maioria mascarada. Buscaram pedras e também conseguiram o que queriam: uma batalha campal.

Foi uma cena típica de um conflito de canibais com os antropófagos. (GASPARI, 2013).

Essa atuação da PM foi transmitida com destaque pela imprensa nacional e internacional, e os detalhes do que foi considerada incapacidade da força policial em lidar com demonstrações públicas foram divulgados por meio das dezenas de vídeos que foram exibidos pelas redes sociais. Romão (2013) lembra que, até aquele dia, não havia ocorrido ainda uma grande manifestação em Brasília e mesmo no Rio de Janeiro.

Os dias seguintes foram de repercussão das manifestações em São Paulo e da preparação para a grande manifestação, chamada para ocorrer a partir do Largo da Batata, em Pinheiros, Zona Oeste da cidade, no dia 17 de junho. O dia 17 foi também marcado como o ápice das manifestações nas principais cidades do país. Em Brasília, por exemplo, houve a tentativa de ocupação do Congresso Nacional e do Palácio do Itamaraty.

Foram as maiores mobilizações no país, desde as manifestações pelo *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello, em 1992, e tiveram aprovação de pelo menos 84% da população. Nos cartazes, faixas e rostos pintados, a mensagem era bastante clara: os jovens diziam que a forma como as decisões têm sido conduzidas no país já não mais os representa, evidenciando, dessa maneira, a necessidade de se haver mudanças profundas no que diz respeito ao fazer político brasileiro (CHAUÍ, 2013, p. 1)

Viu-se o transbordamento das manifestações. Era a oportunidade para que todos aqueles que queriam manifestar sobre alguma coisa, inclusive sobre o direito à livre manifestação, fossem às ruas na capital paulista e em diversas outras cidades brasileiras.

3.3 A EXPLOSÃO DE DEMANDAS

O que se viu nos dias seguintes foi uma intensa propagação de manifestações pelo país, além dos grandes centros, e a transformação de um movimento com uma demanda específica para manifestações de rua que reuniam demandas difusas sobre temas gerais.

Os assuntos que estavam relativamente em voga no período imediatamente anterior às manifestações vieram à tona. A denúncia à aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) número 37, que diminuía o poder investigativo do Ministério Público (MP), organizou a pauta difusa anticorrupção. A crítica à atuação do deputado Pastor Marco Feliciano frente à Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados e, logo após, ao projeto da chamada “cura gay” foi o tema dos grupos ligados aos direitos humanos e ao movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT).

Provavelmente, um tema unificador das demandas foi a repulsa à realização das Copas do Mundo e das Confederações, além da presença da Fifa no país e as imposições promovidas por ela. Nesse caso, havia uma pauta concreta que, vinculada aos problemas crônicos do país nas áreas de saúde e educação, sugeriria um desperdício de recursos do governo federal.

As manifestações programadas para as cidades-sede da Copa das Confederações formaram a base organizada dos protestos, fundamentalmente opostos aos gastos excessivos também na construção e reconstrução dos estádios – agora chamados “arenas”. Outros elementos também são observados por Romão (2013, p. 13-14):

A impressão de uma subserviência excessiva do governo brasileiro aos ditames da Fifa; o fato de a própria Fifa estar longe de ter dirigentes de conduta ética ilibada, o que aflora ainda mais um sentimento anticorrupção que se conecta no imaginário coletivo à repulsa aos chamados “mensaleiros” e à geleia geral das alianças entre os partidos políticos; a conexão direta entre um país moldado “para inglês ver” – o país da Copa – e o Brasil real, que requer mais e melhores hospitais e escolas. A exigência bem-humorada e espontânea de hospitais e escolas “padrão Fifa” certamente será uma das marcas dos protestos ocorridos em junho.

Para Romão (2013) o tema da repulsa à Fifa traz embutido também outro componente ímpar com relação às manifestações de junho: “o sentimento nacionalista”. Romão também acredita que o Hino Nacional cantado nas ruas e repetido pelas torcidas nos jogos da seleção brasileira ressoava um sentimento de um país que, apesar de sua classe política, tem orgulho de si mesmo, de sua atual posição no concerto das nações e, naquele contexto, de ter rompido um estado de passividade com relação aos assuntos públicos e da política.

Muita emoção tomou conta do Castelão durante a execução do Hino Nacional Brasileiro antes do começo da partida entre Brasil x México. Os torcedores cantaram a plenos pulmões, mesmo depois de a música ter sido interrompida por conta do protocolo da Fifa. Logo depois, os jogadores da Seleção se reuniram numa roda do gramado.

O clima do protesto popular que tomou conta do país também esteve presente quando alguns torcedores ficaram de costas para o campo durante a execução do hino. A maioria, porém, se postou normalmente. [...]

No estádio, torcedores levaram cartazes favoráveis aos protestos que tomam conta das ruas do Brasil. "Esse protesto não é contra a Seleção, mas sim contra a corrupção! O Gigante acordou", dizia um deles. (TORCIDA..., 2013).

A filósofa Marilena Chauí (2013) explica o estado de letargia vivido nos últimos anos através da fragmentação, terceirização e precarização do trabalho (tanto industrial como de serviços), dispersando a classe trabalhadora, que se vê diante do risco da perda de seus referenciais de identidade e de luta; do refluxo dos movimentos sociais e populares e sua substituição pelas Organizações Não Governamentais (ONGs), cuja lógica é distinta daquela que rege os movimentos sociais e do surgimento de uma nova classe trabalhadora heterogênea, fragmentada, ainda desorganizada e que por isso ainda não tem suas próprias formas de luta e não se apresenta no espaço público, e que por isso mesmo é atraída e devorada por ideologias individualistas como a “teologia da prosperidade” (do pentecostalismo) e a ideologia do “empreendedorismo” (da classe média), que estimulam a competição, o isolamento e o conflito interpessoal, quebrando formas anteriores de sociabilidade solidária e de luta coletiva.

Ainda segundo Chauí (2013), as manifestações ergueram-se contra os efeitos do inferno urbano, retomando a tradição dos movimentos sociais e populares a organização horizontal, sem distinção hierárquica entre dirigentes e dirigidos. Mas, diversamente dos movimentos sociais e populares, tiveram uma forma de convocação que as transformou num movimento de massa, com milhares de manifestantes nas ruas.

3.4 O DESCONTENTAMENTO GENERALIZADO COM O SISTEMA POLÍTICO E A IMPRENSA

Um dos elementos bastante utilizados para explicar a razão e a dimensão das manifestações daquele ano, além das características do que se demandou nos protestos está relacionado à chamada “crise da representação”, a crise dos partidos políticos ou, mais amplamente, do próprio sistema político.

Para Romão (2013, p. 14-15) a crise de representação dos partidos políticos no Brasil mescla, por um lado, o déficit típico dos partidos *catch all*, caracterizados por abrigar demandas movidas por qualquer ou nenhuma base ideológica e, por outro lado, o aspecto mais

central da crítica aos partidos políticos que vem das ruas é em relação à transformação dos mesmos em partidos-cartel, que ocorre quando estes se apropriam do Estado, retalham-no em nome de seus próprios interesses de conservação, e, com isso, as próprias eleições. No caso brasileiro, essa visão dos partidos como entes cartelizados aparece de maneira ainda mais radical por pelo menos três fatores associados:

- i) Nosso presidencialismo de coalizão, em que o presidente é obrigado a construir amplas bases de apoio no Congresso Nacional, e os partidos, num fenômeno que Nobre (2010) tem chamado de peemedebização, se mantêm quase permanentemente como base dos governos de plantão;
- ii) Nossa fragmentação partidária, que reforça essa tendência e, ao induzir a formação de dezenas e dezenas de ministérios (nos estados, número equivalente de secretarias), traz para o âmbito do Executivo a desagregação do Congresso; e
- iii) O sistema federativo e a força política dos governadores em seus estados fazem com que a maioria dos partidos seja, ao mesmo tempo, base governista em um governo liderado pelo PT no nível federal e base governista em governos liderados por partidos como o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) ou os Democratas (DEM) no nível estadual.

Ainda segundo Romão (2013), é evidente que essa situação, aliada as inúmeras denúncias de corrupção, gera o sentimento de “geleia geral” dos partidos políticos motivado pela indiferença, carência ou ausência de sentimento de representação da parte do cidadão em relação a eles. Esse sentimento foi combustível de muito do que se viu nas ruas no mês de junho.

Para Eduardo Heleno de Jesus Santos (2014) a insatisfação com todas as esferas de governo e com os partidos políticos foi catalisada pelo MPL, abrindo brecha para que outros grupos, também declarados apartidários mas de diferentes ideologias, aproveitassem o espaço exposto e fossem para as ruas. Esses grupos, de menor expressão, reuniam, por exemplo, manifestantes de ultradireita que pediam a volta do governo militar.

Por outro lado, a grande maioria dos manifestantes pediam, entre outras coisas o julgamento justo dos envolvidos no mensalão, a revogação da Emenda Constitucional nº 37, que limitava o poder de investigação do Ministério Público, e o fim da continuidade do Partido dos Trabalhadores no poder, além da investigação dos gastos realizados pela organização da Copa do Mundo.

Outro motivo de surpresa foi a violenta reação aos veículos de comunicação. Ainda segundo Santos (2014), a internet eliminou a necessidade de intermediação entre o público: bastava apenas o simples acesso à internet e às redes sociais para se ter acesso a novos narradores e formadores de opinião.

Essa nova posição da mídia, quase como coadjuvante, aliada ao histórico de manipulação da opinião pública de acordo com a boa vontade de editores e conglomerados de *media* tradicionais acabou por incitar um discurso de ódio contra esses meios.

Com a catarse das ruas, o discurso de ódio contra os meios de comunicação tradicionais cristalizou em violência. Em uma das manifestações realizadas no Rio de Janeiro, o repórter Vandrei Pereira, da Rede Globo, foi hostilizado por jovens e teve de contar com proteção policial. Em outros protestos, carros das equipes de TV foram queimados. Segundo a Abraji, 61 jornalistas haviam sido agredidos no trabalho de cobertura em 12 cidades (46 deles pela polícia) e 13 veículos de comunicação haviam sido depredados nos protestos. (ABRAJI, 2013, apud SANTOS, 2013, p. 89).

Para Santos (2014), o discurso contra os *media* foi apropriado tanto por correntes da esquerda quanto da direita. Essa atitude pode ser entendida sob duas interpretações, que são em princípio complementares. A primeira aponta uma falta de legitimidade dos meios de comunicação tradicionais em seu papel de mediar as informações. A segunda, o distanciamento entre o discurso editorial e às demandas dos mais diversos grupos de manifestantes. Afinal, são esses mesmos conglomerados os acusados de apoiarem, no passado, a ditadura.

3.5 A INTERNET E A PULVERIZAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES

Figura 2 – Manifestantes quebram cerco e tomam laje do Congresso Nacional em Brasília, DF.



Fonte: Gustavo Gantóis/Terra.

Podemos dizer que essa foi a primeira e maior manifestação nacional organizada pela internet, seguindo exemplos como a Primavera Árabe (2010)⁹ e as várias revoltas que

⁹ A Primavera Árabe tem sido uma onda revolucionária de manifestações e protestos que vêm ocorrendo no Oriente Médio e no Norte da África desde 18 de dezembro de 2010. Até a data, houveram revoluções na Tunísia e no Egito, uma guerra civil na Líbia e na Síria; também aconteceram grandes protestos na Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque, Jordânia, Omã e Iémen e protestos menores no Kuwait, Líbano, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental. Os protestos têm compartilhado técnicas de resistência civil em campanhas sustentadas envolvendo greves, manifestações, passeatas e comícios, bem como o uso das mídias sociais, como Facebook,

atingiram os países europeus. A ocupação da laje externa do congresso, em Brasília, pelos manifestantes (Figura 2) ocorreu após a convocação para o movimento de junho, feita por meio das redes sociais. Através principalmente dos eventos agendados pelo Facebook, pessoas de grandes e pequenos centros marcaram suas manifestações locais e transformaram a rede em um amplo espaço de debate.

A internet também ajudou a dar visibilidade internacional ao movimento, como no vídeo **No, I'm not going to the world cup**¹⁰ (DAUDEN, 2013) que, com mais de 4 milhões de visualizações, dá uma série de motivos para boicotar o evento sediado no Brasil. O viral, feito em inglês pela cineasta brasileira Carla Dauden, foi amplamente compartilhado por pessoas de todo o mundo.

Apesar da celebração desse tipo de convocação, que questiona o monopólio dos meios de comunicação de massa, Chauí (2013, p. 3) acredita que é preciso mencionar alguns problemas postos pelo uso dessas redes, que possui algumas características que o aproximam dos procedimentos da mídia:

- a. é indiferenciada: poderia ser para um show da Madonna, para uma maratona esportiva, etc. e calhou ser por causa da tarifa do transporte público;
- b. tem a forma de um evento, ou seja, é pontual, sem passado, sem futuro e sem saldo organizativo porque, embora tenha partido de um movimento social (o MPL), à medida que cresceu passou à recusa gradativa da estrutura de um movimento social para se tornar um espetáculo de massa. (Dois exemplos confirmam isso: a ocupação de Wall Street pelos jovens de Nova York e que, antes de se dissolver, se tornou um ponto de atração turística para os que visitavam a cidade; e o caso do Egito, mais triste, pois com o fato das manifestações permanecerem como eventos e não se tornarem uma forma de auto-organização política da sociedade, deram ocasião para que os poderes existentes passassem de uma ditadura para outra);
- c. assume gradativamente uma dimensão mágica, cuja origem se encontra na natureza do próprio instrumento tecnológico empregado, pois este opera magicamente, uma vez que os usuários são, exatamente, usuários e, portanto, não possuem o controle técnico e econômico do instrumento que usam – ou seja, deste ponto de vista, encontram-se na mesma situação que os receptores dos meios de comunicação de massa. A dimensão é mágica porque, assim como basta apertar um botão para tudo aparecer, assim também se acredita que basta querer para fazer acontecer. Ora, além da ausência de controle real sobre o instrumento, a magia repõe um dos recursos mais profundos da sociedade de consumo difundida pelos meios de comunicação, qual seja, a idéia de satisfação imediata do desejo, sem qualquer mediação;
- d. a recusa das mediações institucionais indica que estamos diante de uma ação própria da sociedade de massa, portanto, indiferente à determinação de classe social; ou seja, no caso presente, ao se apresentar como uma ação da juventude, o movimento assume a aparência de que o universo dos manifestantes é homogêneo ou de massa, ainda que, efetivamente, seja heterogêneo do ponto de vista econômico, social e político, bastando lembrar que as manifestações das periferias não foram apenas de “juventude” nem de classe média, mas de jovens, adultos, crianças e idosos da classe trabalhadora.

Twitter e Youtube, para organizar, comunicar e sensibilizar a população e a comunidade internacional em face de tentativas de repressão e censura na Internet por partes dos Estados.

¹⁰ Não, eu não estou indo à Copa do Mundo (tradução nossa).

Procuramos, nesses capítulos, introduzir e ambientar as circunstâncias que levaram a junho de 2013. É também baseado no histórico das instituições envolvidas, **Folha de S. Paulo** e **O Globo**, que aqui faremos uma análise das notícias que compuseram as páginas dos seus jornais antes, durante e depois da Copa das Confederações e dos manifestos de junho de 2013.

As análises que comporão o quarto capítulo serão baseadas nos critérios de noticiabilidade e na literatura aqui citadas previamente. Também serão compostas pela observação e estudo do que chamou nossa atenção em cada notícia, como as tendências observadas em cada um dos veículos e se elas comunicam ou não entre si. Analisaremos ainda a presença e disposição das mesmas nas capas dos jornais e faremos um balanço da representatividade de um evento mundial, a Copa das Confederações 2013, contra um acontecimento histórico para a nação brasileira, as manifestações de junho de 2013.

4. A COBERTURA DA COPA DAS CONFEDERAÇÕES COMO OBJETO DE ANÁLISE

Para dar base a nossa análise foram escolhidos os dias 7, 15, 18, 19, 26 e 30 de junho. Essa escolha foi respaldada por três motivos diferentes: os dias 7 e 18 foram determinados para seguir o calendário das manifestações. Nesses dias grandes eventos aconteceram ou para o próprio movimento ou para a mídia que o acompanhava. Como já mencionado e como será evidenciado a seguir através das notícias, o dia 18 marcou a mudança de postura dos grandes veículos midiáticos brasileiros, que passaram a adotar um posicionamento mais brando e até favorável aos protestos. Os dias 19 e 26 foram escolhidos para acompanhar a cobertura dos jogos do Brasil e o contraposto com os protestos que se alastravam pelo país. E, finalmente, os dias 15 e 30 que, apesar de neste caso também envolverem jogos da seleção brasileira, foram escolhidos por representarem a abertura e o encerramento dos jogos, ou seja, pontos altos do evento.

4.1 7 DE JUNHO

A oito dias do início da Copa das Confederações, as capas dos jornais **O Globo** e **Folha de S. Paulo** podem ser interpretadas como um prelúdio para o que seria a cobertura do evento na quinzena subsequente. Ambos os veículos dão destaque para as manifestações do dia anterior que, até o momento, são tratadas apenas como protestos sobre o aumento do preço das passagens e aconteceram, segundo **O Globo**, em São Paulo, Rio de Janeiro e Natal.

O Globo, apesar de ser um veículo carioca, sustenta em sua capa uma imagem de manifestantes ateando fogo em cones na esquina das Avenidas 9 de julho e 23 de maio, em São Paulo. Até o momento esse tinha sido o ato mais violento, como relata o jornal que também cita quatro prisões no Rio de Janeiro e destaca a organização do Movimento Passe Livre.

Neste dia, o jornal optou por não figurar nenhuma notícia sobre a Copa das Confederações em sua capa que traz como manchete “Agência de risco põe Brasil em viés de baixa” destacando a notícia de que o Brasil estaria colocado em perspectiva de baixa em indicação econômica que mede a probabilidade do pagamento da dívida pública brasileira, medida pela agência Standard & Poor’s (S&P).

A **Folha de S. Paulo** é mais enfática em sua crítica às manifestações quando comparado a **O Globo**. Em sua capa também figura uma imagem de manifestantes ateando

fogo, dessa vez em catracas de papelão, na interdição promovida na Avenida 23 de maio. Na legenda, o jornal liga os presentes ao movimento estudantil e a partidários do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). O tom crítico pode ser notado na notícia ao lado que descreve os protestos como “marcados por atos de vandalismo”, o que não é feito pelo jornal carioca.

A **Folha** também relata a prisão de 15 pessoas, a depredação de estações de metrô e dá espaço para as falas do prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, e para o governador do estado, Geraldo Alkmin. Ambos, segundo o veículo, lamentam o acontecido.

O jornal também leva em sua capa a notícia do provável rebaixamento da classificação econômica brasileira, mas, como manchete, relata as denúncias feitas contra o governo americano em relação a espionagem de telefonemas de seus cidadãos. A notícia também é estampada na capa de **O Globo**, mas com menor destaque. Diferindo do jornal da família Marinho, a **Folha** noticia de forma discreta e negativa acontecimentos relacionados a Copa das Confederações. Em um box na parte inferior do jornal, podemos ver a notícia de que a Federação Internacional de Futebol poderia “não conseguir entregar os ingressos de última hora”.

No caderno de esportes do mesmo dia, essa notícia, associada a de que a organização teria, através da Lei Geral da Copa¹¹, poderes para ignorar a reclamação de consumidores insatisfeitos, evidenciam o clima negativista que se instaurou ao redor da organização e realização do evento. A Copa das Confederações aparece somente na segunda página do caderno da **Folha** que, no dia, destacou a libertação de prisioneiros brasileiros na Bolívia, detidos por suspeita de participação na morte de Kevin Spada¹², dentro de um estádio, no jogo entre San José e Corinthians, pela Libertadores. Outras notícias que compuseram a primeira página estavam relacionadas a times paulistas.

O Globo, por sua vez, traz logo na capa de seu caderno de esportes um especial sobre a preparação da seleção brasileira para o evento. Na notícia, é destaque o pouco tempo de preparação do time nacional com sua equipe técnica. Também é destaque a pouca idade dos jogadores brasileiros, com o time mais jovem de seu grupo, e a pouca experiência em mundiais. A Copa é destaque nas páginas seguintes através da preparação dos jogadores e trocas de última hora na escalação.

¹¹ A Lei Geral da Copa, aprovada em 5 de junho de 2013, dispunha sobre as medidas relativas à Copa das Confederações Fifa 2013, à Copa do Mundo Fifa 2014 e aos eventos relacionados, que foram realizados no Brasil, atribuindo responsabilidades e deveres do governo brasileiro e da Federação Internacional de Futebol.

¹² Kevin Spada foi um jovem boliviano que morreu aos 14 anos vítima de um torpedo supostamente lançado por torcedores corinthianos durante um jogo da Libertadores em Oruro, Bolívia.

O caso dos torcedores corinthianos é citado somente na terceira página do caderno e divide espaço com os preparativos para a Copa do Mundo Fifa de 2014 e notícias sobre o Jockey Club. Em coluna na mesma página, são tratados assuntos referentes aos times cariocas como Flamengo e Botafogo.

As páginas seguintes de ambos os cadernos de **O Globo** e da **Folha de S. Paulo** tratam sobre o futebol nacional e outros esportes, como a ginástica olímpica, atletismo e tênis.

Em relação às manifestações o jornal **O Globo** traz o protesto em São Paulo na quarta página de seu primeiro caderno. Na imagem, um estudante mascarado levanta o punho em manifestação pelo preço das passagens, dando brecha para a marginalização do movimento.

Antes de qualquer análise mais profunda, é obrigatório destacar o evidente agendamento da mídia em relação às manifestações de junho de 2013, devido ao grande espaço que foi dado para os acontecimentos, retratados de forma indireta e direta. Percebemos nesta figura, o destaque à presença de pessoas com o rosto coberto, o que nos remete imediatamente à ideia da militância – mas também da violência - promovida por setores isolados da população. (RAUPP, KURTS, 2013, p. 10)

Segundo o próprio jornal, o protesto começou nas redes sociais, foi revidado pela polícia em São Paulo e no Rio, também tendo registros pacíficos em Natal. O veículo também evidencia, em grande parte da notícia, a violência dos manifestantes nos maiores centros do país, ao relatar o caso de que uma equipe jornalística teria encontrado uma mulher desacordada dentro de um carro, além de denúncias de depredação e pichações. A violência na contrapartida policial é mostrada através do professor Pedro Eugênio Muniz que conta ter sido ferido por uma bala de borracha.

Em São Paulo, a **Folha** traz as notícias dos protestos na capa do seu caderno de Cotidiano. Reforçando o tom crítico adotado na primeira página, a folha fala em confronto de policiais e manifestantes e defende a atuação da polícia ao descreve-la como uma “tentativa de conter depredações”. O veículo ressalta ainda os danos provocados pelos protestantes, que seriam ligados a alas radicais de partidos de esquerda e ao Movimento Passe livre.

A **Folha** ainda faz um histórico do Movimento, relatando que ele é realizado “toda vez que a passagem sobe”. Neste parágrafo, lembra do apoio da bancada petista ao movimento em 2011, quando Gilberto Kassab era prefeito. Observando as tendências editoriais demonstradas pelo jornal ao longo de sua história, esse trecho pode ser visto como uma tentativa de levar o leitor a interpretar a posição do petista Haddad como contraditória ao histórico de seu partido e como uma crítica discreta pela mudança de posição do PT ao assumir a prefeitura de São Paulo em 2013.

A cobertura das manifestações segue na página C4, em que uma série de fotos mostram vidros quebrados, lixeiras derrubadas na Avenida Paulista e policiais militares jogando

bombas de gás lacrimogênio e atirando balas de borracha contra manifestantes. O veículo cita um “rastros de destruição” deixado na principal avenida da cidade.

Em pânico, clientes e funcionários ficaram presos no shopping Paulista e em lojas e lanchonetes quando o Batalhão de Choque começou a disparar bombas de gás lacrimogênio na Av. Paulista. Enquanto isso, manifestantes arrancavam lixeiras de concreto e as colocavam, incendiadas, na pista. Ficaram ali bloqueando a via até que um caminhão da PM as arrastou. (ATO..., 2013).

Os protestos em outras partes do país não foram citados em nenhuma das notícias apresentadas pelo jornal.

4.2 15 DE JUNHO

As edições da **Folha de S. Paulo** e do jornal **O Globo** evidenciam, no dia 15 de junho, a evolução das manifestações durante aquela última semana. O crescimento fica claro logo no subtítulo da manchete de capa do veículo carioca que traz os números do último confronto: 232 pessoas detidas e mais de 100 feridos. De uma maneira ou outra, fica claro também a escalada da violência policial em reagir ao movimento. Usamos o termo de uma maneira ou outra uma vez que os dois jornais adotam, de modo mais evidente, posturas diferentes ao relatar os confrontos entre polícia e manifestantes.

A mudança de postura dos veículos de comunicação em relação ao protesto, o movimento e a reação policial, como citado no terceiro capítulo, pode começar a ser observada primeiramente em **O Globo** que já fala em “brutalidade policial”. Segundo o jornal, uma enchente de imagens invadiu a internet mostrando a super-reação da PM paulista como também o clima de guerra vivido nos últimos dias em São Paulo que, até então, tinha sido o foco em grande parte das notícias sobre o tema. Também podemos notar na manchete “APÓS UMA SEMANA DE BATALHA, HADDAD PEDE NEGOCIAÇÃO” uma mudança de posicionamento do poder público.

A publicação também cita protestos em Niterói, de onde extrai a imagem para sua capa. Nela podemos ver estudantes ajoelhados na rua, com as mãos atrás da cabeça, demonstrando completa rendição à ofensiva do batalhão de choque da polícia, reforçando a nova tendência do jornal. Na capa também possível notar o começo do alastramento do que viria a se tornar uma manifestação nacional com citações a Minas Gerais e Brasília.

O protesto em Brasília, nas proximidades do Estádio Nacional, palco da abertura da copa, é o meio que o jornal usa para citar a Copa das Confederações em sua capa e opta por fazê-lo de forma irônica. Com a manchete “COPA DAS CONFEDERAÇÕES JÁ PEGA

FOGO...” é possível ver na imagem escolhida pelo editor uma barricada de pneus incendiados com a silhueta da arena ao fundo. No caso de Minas Gerais, o Globo relata que a justiça do estado, a pedido do então governador Antonio Anastasia, proibiu qualquer ato público que atrapalhasse o trânsito em todo o estado durante o evento teste da Fifa.

O jornal **Folha de S. Paulo** adota um tom mais cauteloso ao mencionar a PM paulista. Na capa, a corporação é mencionada em duas oportunidades e, em ambas, é defendida. Com a manchete de capa “ALCKMIN DEFENDE PM E DIZ QUE PROTESTO TEM VIÉS POLÍTICO” o jornal ainda investe na acusação de que os protestos possuem motivação política e são integrados, em sua grande maioria, por partidários. No corpo da notícia, o governador declara “Ela (a PM) tem o dever de preservar a população, [...] Não é possível permitir atos de vandalismo. Com a proximidade das eleições para governador, o veículo também cita um embate entre “tucanos e petistas”.

Ainda na capa, o jornal abre espaço para o comandante-geral da polícia, Roberto Meira, defender a atuação da polícia com a afirmação de que a mesma só reagiu a ataques. Ainda segundo Meira, a PM tentaria negociar uma rota para evitar novo confronto na próxima segunda.

Simultaneamente a **Folha** decide estampar na sua capa matéria em que pesquisa lançada pelo Datafolha indica que São Paulo teve a pior avaliação de sua história quando o assunto era transporte público. Curiosamente não há na capa do veículo nenhuma matéria associando o evento da Fifa com as manifestações que ocorriam na cidade.

Em relação a Copa das Confederações, o jornal deixa de lado, pelo menos em sua capa, o tom mais áspero de crítica e anuncia o evento com a manchete “AGORA É PRA VALER, PAÍS E SELEÇÃO ESTREIAM HOJE NO TORNEIO-TESTE PARA O MUNDIAL”. Na foto, o então técnico da seleção, Luiz Felipe Scolari, move barreira em treinamento no estádio Mané Garrincha, também conhecido como Estádio Nacional. Pela expressão “agora é pra valer” podemos entender que apesar de todas as dúvidas e incertezas lançadas sobre os preparativos da Copa e sobre a própria seleção brasileira de futebol, o momento de provar ou não esses comentários havia chegado e, por isso, existiria uma dupla expectativa com a abertura do evento.

Neste dia, a **Folha** publicou editorial em que comenta a ação da polícia em relação aos manifestos em São Paulo. Apesar de dar voz para que duas pessoas defendam a atuação da PM em sua capa, no editorial a publicação condena veementemente a ação da mesma no dia anterior, mesmo que ainda condene também a ação dos manifestantes e classifique seu

comportamento como “impregnado por um radicalismo sectário”. A **Folha** cita que sete de seus repórteres foram feridos sendo que quatro foram atingidos por balas de borracha. Ainda segundo o editorial, uma razão adicional para que a polícia não os tomassem como alvo seria o fato de que os jornalistas fariam um “testemunho expurgado” desse radicalismo protestante.

No mesmo texto, porém, o jornal defende como exemplar a ação da polícia no terceiro dia de manifestações na capital paulista e, após classificar a demanda da tarifa zero como “irreal”, encerra o texto deixando clara a sua posição contrária em relação ao Movimento Passe Livre. “De promotores da paz pública, policiais transformaram-se em agentes do caos e da truculência que lhes cabia reprimir, dentro da lei, da legitimidade e da razão” (AGENTES..., 2013).

Na mesma página, o jornal publica uma pesquisa que divulga a queda de popularidade de presidente Dilma Rousseff entre as camadas mais ricas e mais pobres da população. Na época a popularidade da chefe do executivo nacional caiu 24% entre os mais abastados e após um período de estabilidade, 6% entre os mais pobres. A notícia atribuiu esse efeito ao aumento da inflação, à corrosão do poder de compra e a um quadro de empregabilidade menos aquecido do que nos meses anteriores.

O caderno de esportes do mesmo dia dá destaque a abertura da Copa das Confederações em sua capa com uma foto de página inteira do mesmo estádio onde ocorrerá o evento. Com o título “PRAZER, BRASIL”, o jornal menciona que no primeiro jogo do torneio o técnico Felipão procura ganhar a torcida com um time que se reuniu poucas vezes até então.

Ao mesmo tempo, o subtítulo aponta que o país também procura convencer o mundo de que tem capacidade de receber um evento global, reforçando mais uma vez o clima de ceticismo instaurado pela imprensa brasileira. Segundo Ary José Rocco Junior e Wagner Barge Belmonte, os veículos de comunicação nacionais estavam mais motivados pelo interesse do público geral na “novela” entre o governo brasileiro e os dirigentes da Fifa e uma possível honra arranhada pela organização malsucedida do mundial do que, por exemplo, no uso de recursos nacionais para sediar os jogos.

Como empresas inseridas no sistema de produção capitalista, as organizações de comunicação e jornalismo passaram a investir, no conteúdo oferecido ao seu público, muito mais entretenimento, em detrimento da informação, objetivo número um do “fazer jornalístico”. Numa subversão total do jornalismo, o consumo se sobrepõe ao direito à cidadania e à informação.

Todo esse cenário leva à dramatização do jornalismo. [...] Dia após dia, nas páginas das Editorias de Esporte dos principais jornais do país, os capítulos da novela Fifa-Governo Brasileiro foram apresentados à audiência pelos veículos de comunicação. A construção jornalística se subverte, assim, aos interesses comerciais da indústria do entretenimento. A polêmica, gerada pelas declarações de Valcke e pelas respostas dos diferentes agentes do Governo Brasileiro e da CBF, se sobrepõe à informação. As

obras para a preparação da Copa do Mundo de 2014 estão, ou não, atrasadas? O que interessa mais ao cidadão brasileiro? O péssimo uso dos recursos públicos ou a “honra nacional” arranhada pelas declarações do gestor da Fifa? (ROCCO JUNIOR; BELMONTE, 2013, p. 15)

Esse descompasso entre a imprensa, as expectativas negativas e o real estado das preparações para a Copa das Confederações e a Copa do Mundo de 2014 não só foi notado pela imprensa internacional, como amplamente noticiado no ano seguinte. Em notícia, o jornal americano *The New York Times* publicou “NA COPA DO MUNDO, PREVISÕES CATASTRÓFICAS DÃO LUGAR A PEQUENOS SOLUÇOS NO BRASIL”¹³.

O dia 15 é marcado pelo surgimento de cadernos especiais para a Copa das Confederações tanto no **O Globo**, como na **Folha de S. Paulo**. O interior do caderno da **Folha** é inteiramente dedicado aos desdobramentos da estreia do time brasileiro e do país como sede da Copa. As notícias da preparação técnica de jogadores e seleções, como a do Uruguai, se misturam aos preparativos realizados pela organização do evento e pelas cidades-sede. Mesmo no caderno de esporte, também começam a aparecer notícias relacionadas aos protestos. É quando a explosão de demandas citada no capítulo anterior começa a acontecer e o descontentamento com o preço da passagem se transfere para uma dezena de outros motivos, entre eles, a Copa das Confederações e seu evento sucessor, a Copa do Mundo Fifa 2014.

O Globo também opta por ressaltar em seu primeiro caderno a defesa de Alckmin à ação policial no estado em defender o direito de ir e vir e preservar o patrimônio público e privado. Mas, ao contrário do veículo paulista, o jornal adota um tom mais neutro, deixando a sua posição mais revelada pela fala das autoridades do que pelo próprio texto. No corpo da notícia também abriu espaço para o secretário de segurança pública do estado de São Paulo, Fernando Grella, que declarou que a polícia fez a “coisa certa”. Já o ministro da justiça, José Eduardo Cardozo, também ouvido pelo **O Globo**, criticou a ação militar e afirmou ter havido excesso.

Na página seguinte o jornal deixa a crítica a ação policial mais evidente, apesar de ainda fazê-la através de outras entidades. Ao estampar a foto de um fotógrafo que corria o risco de ficar cego por ter sido atingido no olho por uma bala de borracha, a manchete “ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS CONDENAM A ATUAÇÃO DA PM”, relata não só a brutalidade de policiais contra jornalistas, mas também o medo de órgãos internacionais com a chegada de correspondentes ao país. Ainda na mesma página, o jornal exhibe o depoimento de quatro pessoas que estavam nas proximidades do confronto. Uma delas relata ter “sentido mais

¹³ “At the World Cup, Doomsday predictions give way to smaller hiccups in Brazil”

agressividade da política do que dos manifestantes” outro compara a repressão com a do período militar. Segundo a publicação, nem mesmo integrantes de uma ONG que estavam na avenida tentando ajudar feridos escaparam da truculência policial.

Ainda em seu caderno principal, o veículo divulga frames das imagens que invadiram a internet na noite dos protestos. Entre elas, a de policiais provocando, intencionalmente, danos às próprias viaturas com intenção de forjar e acusar manifestantes por danos patrimoniais. Em outra cena, policiais atiram bombas de gás lacrimogênio contra jovens que protestavam pacificamente. Chama a atenção até agora a cautela do jornal em emitir opiniões próprias sobre a ação policial. Nas três notícias analisadas até agora, todas as críticas couberam a terceiros, diferindo da **Folha de S. Paulo**.

A cautela também começa a ser percebida quando os protestos antes marcados por relatos de violência, passam a ser descritos com “momentos de vandalismo” pelo jornal, que também cita tumultos em Niterói.

Nas páginas seguintes, o foco continua sendo as manifestações pelo Brasil e contra a Copa das Confederações. O jornal faz uma matéria sobre a proibição das manifestações que impeçam o trânsito no estado de Minas Gerais e relata que a segurança em torno dos estádios será reforçada em todo o país. Em pesquisa histórica, também é lembrada confusão em ato da UNE no ano de 1956 contra o aumento do preço dos bondes na cidade do Rio de Janeiro.

O Globo trata da Copa das Confederações tanto em seu caderno de Esporte quanto no caderno especial próprio do evento. No caderno de esportes fica clara a preferência por assuntos que envolvam unicamente os desdobramentos das seleções que participaram do evento-teste. As únicas exceções são a notícia de que haverá mais segurança em torno do Estádio Nacional, em Brasília, decisão tomada pelos protestos do dia anterior e de que turistas já visitam o Maracanã antes mesmo de receber seu primeiro jogo oficial. No corpo da notícia, o jornal afirma que a preparação, mesmo em cima da hora, “deu certo, o Maracanã está pronto”. Também há uma notícia sobre o público esperado para o jogo e a venda de ingressos.

Com expressão parecida da usada pela **Folha**, o Globo abre seu caderno especial com a manchete “AGORA É PRA VALER, BRASIL”, mas se limita a falar apenas da preparação da seleção brasileira. No seu interior, o caderno também se limita a falar apenas de assuntos ligados ao futebol e a receptividade da capital carioca aos times e turistas, oferecendo roteiros aos visitantes que chegam ao Rio, o que pode ser observado através da manchete “ENTRADA, SAÍDA E VIBRAÇÃO. BARES, RESTAURANTES E FESTAS SÃO OPÇÕES PARA TORCER PELA SELEÇÃO BRASILEIRA E CURTIR O CALOR

HUMANO”. A publicação também dispõe da tabela de jogos do evento e traz curiosidades sobre edições anteriores e a participação do Brasil nas mesmas.

Neste dia, é possível notar uma maior neutralidade do Globo em relação a **Folha de S. Paulo**. Enquanto o jornal paulista emite opiniões, traz notícias negativas em relação a abertura da Copa, o jornal dos Marinho prefere focar na festividade entre torcedores e traz mais boas notícias sobre o evento, o que recebe pouco destaque em seu concorrente indireto. No Globo, as notícias negativas são focadas nos protestos e, por decisões editoriais, são tratadas apenas no caderno principal.

4.3 18 DE JUNHO

Com o transbordamento das manifestações no dia 17 e a ausência de jogos expressivos na Copa das Confederações Fifa, as capas de ambos os jornais no dia seguinte (18) são quase inteiramente, quando não inteiramente, no caso da **Folha de S. Paulo**, destinadas aos acontecimentos da noite anterior e aos seus desdobramentos políticos e sociais. No capítulo anterior vimos que esse dia foi marcado pela mudança de postura dos grandes veículos de comunicação. Porém, ao analisar as capas dos jornais **O Globo** e **Folha**, percebemos que essa transição foi mais lenta e complexa do que imaginávamos, principalmente na publicação paulista, como você verá a seguir.

Por outro lado, a “explosão de demandas” descrita no item 3.3 deste artigo pode ser percebida claramente na manchete do mesmo veículo naquela terça-feira: “MILHARES VÃO ÀS RUAS “CONTRA TUDO”; GRUPOS ATINGEM PALÁCIOS”. O subtítulo da chamada de capa também marca a continuidade do viés negativo adotado pela **Folha de S. Paulo** ao retratar os protestos e seus participantes com o trecho “Assembleia do Rio é atacada e sede do governo paulista sofre tentativa de invasão”. Chama a atenção a escolha pelo uso de termos com conotação negativa como “invasão”, “atacada”, “atingem” e “vandalismo”, esse presente no corpo da notícia.

Nas imagens escolhidas pelo editor, podemos ver o Largo da Batata tomado pelos manifestantes. Segundo o jornal, foram 65 mil, só em São Paulo, e outros 100 mil na capital fluminense, esses números vêm acompanhados de menções aos atos de depredação contra as sedes do poder de ambos os estados. Também podemos observar uma série de cartazes com as mensagens “Fifa go home”, “Fora Dilma, Fora Cabral”, “PT= Pilantragem e Traição” e “Fora

Alckmin”. Neste dia nenhuma notícia faz menção direta aos eventos da Copa, que é citada apenas como objeto dos protestantes.

Compondo a capa da publicação, estão chamadas para a coluna de Fernando Rodrigues, que fala sobre o desfecho imprevisível das manifestações, e para o editorial “Protestos e vaias, acerca de mudança no clima político brasileiro”. O jornal ainda expõe notícia contrária a uma das principais reivindicações do movimento paulista, o passe livre na capital. Com a manchete “SE TARIFA DO TRANSPORTE FOSSE ZERO, VALOR DO IPTU DOBRARIA EM SÃO PAULO” a **Folha** consegue atingir de maneira direta praticamente toda a população paulistana, uma vez que a tarifa é aplicada sobre todos aqueles com propriedades urbanas. A chamada pode ser interpretada como uma tentativa de tirar a força e o apoio da população ao movimento.

Até o momento os participantes dos protestos haviam sido descritos sucessivamente como partidários de esquerda, ligados principalmente ao PSTU e ao PSOL. Nesse dia, marcando uma contradição discreta, a **Folha** também divulgou pesquisa do Datafolha que relata justamente o contrário. Segundo o instituto, 84% dos ouvidos declarou não possuir uma preferência partidária. A falta de orientação política também pode ser percebida quando são citados políticos opostos como alvos dos protestos. Nesse caso, a presidente Dilma Rousseff, e os governadores Geraldo Alckmin e Sérgio Cabral filiados ao PT, PSDB e PMDB, respectivamente, foram duramente criticados e sofreram grandes quedas de popularidade.

Fernando Haddad não é citado neste dia, o que reforça a expansão de demandas: o problema, antes restrito a cidade de São Paulo, passou a abranger necessidades maiores, sob responsabilidade das esferas estaduais e federais. Tratados como impasses crônicos ao desenvolvimento do país, saúde, educação e segurança passaram a ser pautas frequentes.

Utilizando-se desse novo rumo tomado pelos protestos, **O Globo** passa a adotar uma postura ainda mais positiva em relação às manifestações do que no dia 15. “UM PAÍS QUE SE MEXE: O BRASIL NAS RUAS”. Em seu subtítulo a notícia destaca que os atos foram pacíficos na maioria das cidades e reuniram 240 mil pessoas em 11 capitais. O jornal evita termos como “vandalismo”, citando alguns “atos de violência” no Rio, Porto Alegre e Maceió. Curiosamente, o veículo não menciona transtornos em São Paulo, trazendo apenas a informação de que o governo teria cumprido sua promessa em não utilizar a tropa de choque. O jornal cita ainda, por duas vezes em sua capa, que as ações violentas não tiveram o apoio da maioria e foram praticadas por um pequeno grupo de radicais. Para comentar os eventos, o jornal traz

falas da presidente Dilma Rousseff e dos ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva logo em sua capa.

Com o crescimento das manifestações no Rio, podemos ver nas imagens de capa, a Avenida Rio Branco, tomada pelos manifestantes, e um carro da Assembleia Legislativa do estado pegando fogo. Também é exibida uma das imagens mais emblemáticas daquele mês, onde podemos ver a laje do Congresso Nacional, em Brasília, tomada por protestantes. Neste dia, a charge, sempre presente na capa do veículo, trouxe um policial da tropa de choque, portando na mão um cassetete, também à frente do Congresso Nacional, dizendo “Que começo de semana!”.

Diferente da **Folha**, **O Globo** preenche sua capa com outros temas, incluindo, apesar do pouco destaque, a Copa das Confederações Fifa. Com a notícia “SELEÇÃO ATRAI 7 MIL NO CEARÁ”, a publicação relata o treino da seleção brasileira em Fortaleza que, mesmo contrariando orientações da Fifa, foi aberto ao público. A desobediência a uma determinação da entidade aconteceu simultaneamente aos protestos contra a mesma. A notícia, que vem disposta no caderno de esportes ainda fala em apoio incondicional da torcida cearense, mesmo em meio aos protestos.

O jornal também informa sobre o jogo do dia anterior, sediado em Belo Horizonte. “TAITI PERDE SOB APLAUSOS” cita a vitória da seleção Nigeriana por 6x1 sobre o time que, segundo o jornal, foi adotado pela torcida mineira. Encerram a capa notícias sobre a crise em alguns setores da economia brasileira e adversidades internacionais, incluindo reflexos da denúncia de espionagem americana e britânica sobre outros países.

Na segunda página do seu primeiro caderno ganha destaque a passagem da seleção italiana pelas praias do Rio de Janeiro. O jornal se utiliza da metalinguagem para expor a equipe jornalística que tem coberto nos últimos dias os eventos em todo o país. Também fala do esforço em acompanhar o ritmo frenético das informações e atualizar instantaneamente sua versão online.

Na página três, o caderno “País” traz um relato mais aprofundado sobre o que o jornal chama de “reação em cadeia”. Imagens mostram os protestos nas principais cidades brasileiras, entre elas Brasília, São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. No subtítulo **O Globo** também deixa claro que “mais uma vez houve confrontos”. Em São Paulo e Brasília as fotos escolhidas mostram aglomerações de manifestantes na ponte Octavio Frias de Oliveira, a ponte estaiada, e no congresso nacional, respectivamente. Já no Rio e na capital mineira fotos mostram confrontos entre manifestantes e a força militar.

O Globo dá pouco destaque para os acontecimentos mais violentos em São Paulo até então. O jornal também cita a tentativa de invasão do Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista, mas de maneira sutil. Ao ler a publicação de terça-feira, podemos perceber que o veículo decidiu dar maior importância para o fato de que o dia com o maior número de participantes até o momento havia sido, em sua grande maioria, pacífico. A PM paulista, como prometido pelo governo do estado, evitou entrar em choque com manifestantes, acompanhando tudo a distância, como relata o jornal. A mesma matéria dá espaço para a fala da presidente, que se pronuncia pela primeira vez sobre a tensão dos últimos dias, e define os protestos como “legítimos e próprios da democracia”.

Na página seguinte o veículo faz uma comparação dos eventos no país com a Primavera Árabe, ao chamá-los de “Primavera Carioca”. Essa comparação pode ser interpretada como uma menção de que os dois eventos ganharam destaque e força, além de terem sido vistos por pessoas de todo o mundo, através das redes sociais e da internet. As imagens mostram a tomada do centro do Rio e um manifestante com a máscara do romance gráfico “V de Vingança”, um dos símbolos adotados pelo grupo Anonymous¹⁴ e muitas vezes utilizada durante os protestos de junho. Os manifestantes também carregam bandeiras e cartazes com mensagens contra a repressão policial e as condições dos serviços públicos brasileiros.

Em coluna na mesma página, Merval Pereira fala sobre a crise política provocada pelo movimento. Um dos principais motivos, como citado anteriormente neste artigo, é a falta do sentimento de representatividade pela clássica política. A reforma do sistema político nacional viria a se tornar uma das maiores pautas do movimento, chegando a ser proposta pela presidente Dilma.

A página seguinte é dedicada ao desfecho negativo das manifestações no Rio, quando um grupo atacou policiais militares e ateou fogo em um carro da Alerj. A mesma notícia fala sobre pichações e lojas saqueadas. Para ilustra-la o jornal optou por pessoas enfrentando a força policial com pedras e estilingues. A página cinco mostra alas radicais quebrando uma agência bancária e outro grupo incendiando objetos na escadaria da Alerj.

Se opondo ao tom adotado pela **Folha de S. Paulo** e ao seu próprio discurso inicial, o jornal traz, na página seis, os protestos na capital paulista com o subtítulo “Após violência

¹⁴ *Anonymous* (palavra de origem inglesa, que em português significa “anônimo”) é uma legião que se originou em 2003. Representa o conceito de muitos usuários de comunidades *online* existindo simultaneamente como um cérebro global. O termo *Anonymous* também é comum entre os membros de certas subculturas da Internet como sendo uma forma de se referir às ações de pessoas em um ambiente onde suas verdadeiras identidades são desconhecidas. Na sua forma inicial, o conceito tem sido adotado por uma comunidade *online* descentralizada, atuando de forma anônima, de maneira coordenada, geralmente em torno de um objetivo livremente combinado entre si e voltado principalmente a favor dos direitos do povo perante seus governantes.

policial e vandalismo na semana passada, manifestantes promovem ato pacífico na cidade”. Para a publicação, o protesto do dia anterior foi marcado pela mudança no comportamento policial e pela falta de incidentes entre os grupos que estavam sob a liderança do MPL. O transbordamento das manifestações e a explosão de demandas podem ser observados na matéria.

O público era muito maior do que nas outras quatro manifestações do MPL (originalmente pela redução da tarifa do transporte público) em São Paulo. Dessa vez, não era apenas formado por jovens ou estudantes, mas por trabalhadores, famílias, idosos, integrantes dos movimentos feministas, gays e políticos. (SCRIVANO et al., 2013).

Na mesma página o jornal dá destaque para a miscelânea de grupos que tomaram as ruas da cidade com o título “TRIBOS E CONVICÇÕES PARA TODOS OS GOSTOS EM ATO”. Na imagem, uma jovem porta um cartaz com a mensagem “Cidade muda não muda”. Para o Globo, a manifestação, agora pacífica, é positiva para as cidades brasileiras. Já na página seguinte o jornal narra os acontecimentos violentos em Brasília, Belo Horizonte e Maceió. Na capital alagoana um estudante foi baleado por um motorista não identificado, em BH policiais e manifestantes entraram em confronto.

Na oitava página **O Globo** ouve seis pessoas que contam suas razões particulares para manifestar. Entre os motivos mais citados estão a educação, saúde e transporte. Também são citadas a realização da Copa em um momento de crise e a má gestão do dinheiro público. Para a socióloga Gisela Wajskop, a manifestação é pela garantia de um futuro mais justo para as próximas gerações.

Também é destaque no jornal a origem do movimento: as redes sociais. Para o veículo o primeiro grande protesto da era digital foi marcado pela solidariedade entre os participantes que espalharam manuais de como se portar em um confronto com a polícia. A “revolta do vinagre”, como o jornal a classifica, ganhou esse nome pela eficácia do produto em combater os efeitos do gás lacrimogêneo, substância utilizada para dispersar manifestantes. O amparo ao protesto também foi requisitado mesmo daqueles que estavam em casa, com a liberação do sinal de *wi-fi* para a divulgação de informações, vídeos e fotos que retratavam o abuso da força policial.

Essas provas instantâneas, divulgadas e compartilhadas pelas redes sociais, aliadas a coerção exagerada da polícia, foram fatores exponenciais para as manifestações que, junto com mais adeptos, ganharam novas demandas. A auto-suficiência dos participantes em divulgar informações e a falta de representatividade dos veículos comunicacionais perante aos mesmos

também podem ser vistas como explicações para os ataques às equipes de reportagem de grandes emissoras.

Para encerrar o primeiro caderno do jornal, são expostos os vários desdobramentos dos protestos com a opinião de colunistas e especialistas sociais. É destaque a descrença dos jovens na política nacional com as matérias “MANIFESTANTES REAGEM A PRESENÇA DE PARTIDOS POLÍTICOS” e “ESPECIALISTAS VEEM DESCRENÇA DOS JOVENS EM RELAÇÃO À POLÍTICA”.

A **Folha** dá procedimento com sua escolha editorial em noticiar os acontecimentos relacionados às manifestações no seu caderno de cotidiano. Mais uma vez, os protestos da noite anterior são retratados em uma matéria de capa inteira. Com o título “CONTRA” o jornal dá a amplitude dos questionamentos levantados pelos participantes e faz o leitor se questionar, ao mesmo tempo, quais seriam seus objetivos. A informação é completada apenas no corpo da notícia “Dilma, Alckmin, Haddad, Cabral, Sarney, Feliciano, partidos políticos, corrupção, polícia, violência, saúde, educação, cotas, inflação, imprensa, Fifa, Copa do Mundo e, é claro, transporte público”. No subtítulo, a grandeza numérica das manifestações é reforçada “Onda de protestos atinge 12 capitais, na maior mobilização no país depois do “Fora, Collor””.

O veículo, assim como o Globo, faz a cobertura dos protestos nas 12 capitais. Sendo coerente a uma capa principal evidentemente contrária aos atos, as manchetes do interior do caderno são mais negativas do que as do seu concorrente carioca. Apesar disso, nota-se um abrandamento do veículo ao tratar os manifestantes, agora maiores em número e diversidade. Manifestações “marcadas pelo vandalismo” cede lugar para “têm cenas de violência”, tirando a generalização antes vista nas páginas do jornal. Também fica evidente a falta de partidatismo entre os protestantes que, até o momento, era alegado pelo jornal como um dos motivos pela sua presença nas ruas.

Com a notícia “LOJAS FECHAM MAIS CEDO E COMERCIANTES CRITICAM PASSEATA” é curioso notar a oposição editorial dos dois jornais analisados. O **Globo**, em matéria “ENCONTRO DA DIVERSIDADE NO LARGO DA BATATA” relata que comerciantes estariam felizes com o fim dos choques entre polícia militar e manifestantes.

Para o dono do bar Guela Seca, no Largo da Batata, manifestações em Tropa de Choque são melhores. Não que ele tenha ficado penalizado com manifestantes marcados com balas de borracha, na semana passada. É que na última vez, com barreira policial, as coxinhas encaharam. Ontem, o clima de paz só não permitiu felicidade maior porque, em vez de cerveja, mais cara, o povo queria água. Nada mais. (CARVALHO, 2013).

Também no Largo da Batata, a **Folha** reporta justamente o contrário. Segundo o jornal, comerciantes teriam fechado as portas mais cedo com medo de quebra-quebra.

A manifestação contra o aumento na tarifa do ônibus, que reuniu ontem 65 mil pessoas nas ruas de São Paulo, segundo o Datafolha, fez com que empresas na região do Largo da Batata, na zona oeste da capital, fechassem mais cedo com medo de quebra-quebra. Trabalhadores andavam apressados a caminho de casa na altura da Faria Lima com a Rebouças, e alguns comerciantes criticavam o protesto. (LOJAS..., 2013)

É possível notar que o veículo entra, algumas vezes, em contradição consigo mesmo. Apesar de dizer, em inúmeras oportunidades, que as manifestações atingiram um novo patamar, a **Folha** reduz novamente os protestos como “contra a tarifa de ônibus”. O jornal completa a informação com uma imagem de pessoas protegidas pelas grades do Shopping Iguatemi. Segundo legenda, as mesmas esperavam, com medo, o fim da manifestação para ir pra casa.

Outra tendência observada é um viés mais popular adotado pelo **O Globo**. Enquanto o jornal carioca decidiu por dar espaço para o dono do “Bar da Guela”, a **Folha de S. Paulo** abre aspas para uma comerciária de Goiânia e para uma advogada de Uberlândia, ambas presas no shopping citado. Cynara Ribeiro, a comerciária, chega a dizer que “assistiu uma coisa grotesca pela TV” ao se referir as manifestações da última semana.

A **Folha** abre a página seis do caderno com o título “POLÍTICOS AGORA APOIAM MANIFESTAÇÕES”. O uso do “agora” leva o leitor a acreditar em uma mudança repentina da posição da classe em relação às manifestações. Essa mudança é atribuída principalmente ao PT. Na matéria, são citados o ex-presidente Lula, o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, que agora chama os participantes do MPL para a comissão de estudo sobre as finanças do transporte, e então presidente Dilma Rousseff. “Manifestações pacíficas são legítimas e próprias da democracia. É próprio dos jovens se manifestarem. (2013)”

Já no PSDB o jornal evidencia a falta de uma opinião única e concreta. Segundo notícia, enquanto o governador do estado, Geraldo Alckmin, havia chamado os manifestantes de “baderneiros” e “vândalos” outros grandes nomes do partido sinalizaram apoio aos protestos. Para exemplificar, o veículo escolheu ouvir o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e o futuro candidato à presidência em 2014, senador Aécio Neves, que declarou “os protestos devem ser compreendidos antes de rotulados”.

Na página seguinte a manchete “ATÔNITOS, GOVERNOS NÃO CONSEGUEM ENTENDER OS ATOS” descreve a falta de respostas concretas dos detentores do poder até então, uma vez que os manifestantes também não tinham uma questão como carro-chefe do movimento. Ainda para a **Folha**, “à falta de uma Bastilha, para ficar na pretensão das alas autointituladas revolucionárias dos protestos Brasil afora, temos a laje do Congresso Nacional”, corroborando com o simbolismo refletido pela imagem, ao mostrar o povo na sede do poder

político nacional. Na matéria, o jornal retoma sua descrição das manifestações como “aglomerações de vandalismo e repressão policial”.

Assim como **O Globo**, o jornal também trata sobre o papel da imprensa em meio aos protestos, mas de maneira completamente diferente. Com a notícia “EM SÃO PAULO, MANIFESTANTES SEM RUMO VÃO PARAR EM FRENTE DA REDE GLOBO” a publicação eleva o tom e torna a falta de questões definidas uma crítica revelada contra o movimento.

O protesto contra uma das empresas do seu grupo comunicacional não é citado pelo **O Globo**, sendo retratado apenas pelo Jornal Nacional, que fazia a cobertura ao vivo. Para a **Folha**, a falta de direção da manifestação influenciou os grandes veículos de comunicação. A tentativa de acompanhar a explosão de demandas, acabou deixando a cobertura jornalística intensa e rápida demais, assim como as manifestações, mas tornando a mesma confusa para o telespectador que acompanhava à distância.

O jornal encerra a parte dedicada aos protestos em seu caderno de cotidiano com matérias sobre a impossibilidade da tarefa zero, a repercussão internacional dos movimentos brasileiros, o movimento de artistas em defesa da jornalista atingida no olho por uma bala de borracha, a ilegalidade da prisão para “averiguação”, praticada por policiais militares.

Neste dia, os cadernos de esporte e os especiais da Copa da Confederações se dividiram em repercutir o treinamento da seleção anfitriã, liberado para os torcedores cearenses, e o dia-a-dia das seleções estrangeiras no país. O jogo da seleção haitiana contra a Nigéria ganhou importância nos dois jornais assim como o destaque brasileiro Luiz Gustavo e a preparação de outros jogadores para o jogo contra o México, no dia seguinte. A seleção espanhola, última campeã, também é tratada como uma ameaça aos outros times.

No dia 18, **O Globo** adota uma postura mais parecida com a **Folha** quando também faz críticas a organização da Copa em seu caderno de esportes. A mobilidade urbana, amplamente debatida nos protestos de junho, aparece mais uma vez como um dos principais problemas nas cidades-sede. Além da dificuldade em chegar ao estádio, os jornais relatam problemas dentro dele, como a marcação de assentos defeituosa, pontos cegos e com visibilidade ameaçada pelo sol intenso. O caderno de esportes da **Folha** também se dedica a noticiar a liberação do empréstimo para a finalização do Itaquerão, estádio que recebeu a abertura da Copa do Mundo Fifa em 2014.

4.4 19 DE JUNHO

No dia 19, ambos os jornais continuam a dar destaque para as manifestações que, no momento, atingem seu ápice. Nas imagens escolhidas para ilustrar a capa de ambos os veículos podemos notar como os mesmos irão tratar o tema sob perspectivas próprias. A foto destaque para **O Globo** traz a Avenida Paulista tomada por manifestantes, já a escolhida pelos editores da **Folha** mostra a tentativa de invasão à Prefeitura de São Paulo. Em imagens secundárias, ambos mostram confrontos, mesmo que diferentes. Enquanto o jornal paulista exhibe saques e protestos violentos, na capa do **O Globo** figura a imagem de manifestantes pacíficos tentando conter grupos radicais também na porta da prefeitura.

Na capa do veículo carioca, já podemos ver as consequências das últimas semanas de protesto intenso. Com a manchete “CAPITAIS JÁ BAIXAM TARIFAS DE ÔNIBUS, PROTESTOS CONTINUAM”, **O Globo** relata que Haddad “admitiu” derrubar a última alta do preço, os discutidos vinte centavos. Até o momento, o prefeito de São Paulo havia negado essa possibilidade.

Em charge, o ganho de força dos manifestantes é retratado através de um policial, com uma arma de bala de borracha, contra um estudante com um celular na mão. A imagem é o reflexo de um protesto que começou reprimido violentamente e, até mesmo por isso, ganhou o apoio da sociedade. A arte também expõe a força da internet e das redes sociais contra a violência policial e o abuso de poder praticado por autoridades. Nos chamou a atenção que, comparada com a última charge analisada, onde um policial aparece sozinho, podemos interpretar a imagem como o reconhecimento do artista e do jornal ao impulso ganhado pelos protestos.

Apesar do turbilhão de notícias sobre os protestos, neste dia, a capa do jornal é composta por diversos outros temas, como a reforma do judiciário na Argentina, a violência no trânsito brasileiro, os protestos na Turquia, muitas vezes citados como referência para entender os que aconteciam aqui, e a alta do dólar americano. Voltando aos critérios de noticiabilidade para tentar entender a escolha do veículo, primeiramente interpretamos a capa daquela quarta-feira como o começo do declínio da cobertura e da atenção jornalística voltada para os eventos. A charge do dia seguinte, já exibiria o jogador Neymar, comemorando um gol entre policiais e manifestantes, o que pode ser interpretado como a expansão do apoio de torcedores ao evento da Fifa. Também no dia seguinte, a classificação da seleção brasileira para as semifinais da Copa, garantiu o maior destaque dado ao evento entre os dias de protesto.

Na **Folha**, as manifestações ganham maior destaque quando levamos em conta a proporção de notícias destinadas ao tema e o espaço ocupado pelas mesmas. O jornal se preocupa em apresentar os diversos desdobramentos motivados pelos últimos dias. Entre eles, a queda do prestígio das instituições públicas, exemplificada através de um gráfico, chama a atenção. Segundo notícia, a descrença do paulistano no sistema político brasileiro atingiu o maior nível desde 2003. Os números foram revelados por pesquisa do Datafolha que também divulgou o crescimento do apoio aos protestos, pulando de 55% para 77%. Outro item que chama atenção é a foto de uma van da Record em chamas, enquanto um dos manifestantes joga objetos na mesma. Como dissemos, jornalistas da grande mídia foram duramente repelidos pelos protestos.

Compõe a capa a chamada para coluna de Antonio Prata “SEJAMOS FRANCOS: NINGUÉM ESTÁ ENTENDENDO NADA”, que traz à tona o sentimento de incompreensão dos motivos, questionamentos e intenções daqueles que ocupavam as ruas na época. O jornal também cita a aprovação da “cura gay”¹⁵ pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara, então liderada pelo deputado Marcos Feliciano. Esse era um dos motivos que compunham o coletivo de questionamentos levantados pelos protestantes, principalmente pelos grupos LGBT¹⁶.

Os editoriais do dia são dedicados a repercutir os acontecimentos das últimas semanas. O primeiro, com o título “APESAR DE CENAS ISOLADAS DE VANDALISMO, PROTESTOS MOBILIZAM A CLASSE MÉDIA INSATISFEITA COM O DESEMPENHO DE VÁRIOS NÍVEIS DO GOVERNO”. Com grande parte da classe média apoiando os protestos, é interessante notar como o discurso da **Folha** muda ao envolvê-la. Esse comportamento é coerente com o perfil histórico do jornal que, desde 1945 (quando passou a ser controlado por Nabantino Ramos), tem como característica ser voltado para a classe média.

O jornal foi criado para servir como porta-voz de um grupo de paulistas liberais republicanos originários da cafeicultura, atribuindo-se um papel de guia intelectual da sociedade. Através dos editoriais, consolidava-se como representante da classe dominante paulista. (MOREIRA, 2006, p. 78).

¹⁵ Terapia de reorientação sexual (chamada ainda terapia de conversão, terapia reparativa ou cura gay) compreende um conjunto de métodos que visam eliminar a orientação sexual homossexual de um indivíduo. Em 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) se posicionou contra essa questão. Entendendo que a homossexualidade é uma variação natural da sexualidade humana, o órgão definiu que ela não poderia ser considerada como condição patológica. A partir deste entendimento, uma resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP), de 1999, proibiu os profissionais de participarem de terapia para alterar a orientação sexual. Em 2011, o deputado federal João Campos (PSDB-GO) protocolou na Câmara dos Deputados um Projeto de Decreto Legislativo que propunha suprimir a resolução do CFP referente ao assunto. No projeto do parlamentar (PDC 234/11), ele sustava a aplicação do parágrafo único do art. 3º e o art. 4º que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual.

¹⁶ LGBT, ou ainda LGBTTT, é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Embora refira apenas seis, é utilizado para identificar todas as orientações sexuais minoritárias e manifestações de identidades de gênero divergentes do sexo designado no nascimento.

Até então a publicação descreveu, em grande parte do tempo, as manifestações como marcadas pela violência e vandalismo, realizadas por partidários de esquerda e que não possuíam um tema central. A mudança do tom se tornou óbvia no dia 19, quando passaram a ser apoiadas pela classe média. Com a expressão “cenas isoladas de vandalismo”, o jornal se rende e junto a maioria dos veículos nacionais que, nessa altura, defendiam os protestos. Para a **Folha**, as pessoas que ocupavam a rua agora o faziam para lutar contra a incompetência do governo em várias esferas. A adesão da classe média, segundo o jornal, não é motivo para desmerecer o movimento.

Pesquisa Datafolha entre os participantes constatou que a maioria tem diploma universitário (77%) e menos de 25 anos (53%). Ou seja, a adesão é maior entre jovens de classe média, se não de classe média alta. Isso não é razão para desmerecer o movimento, por certo. Não faltam exemplos, na história recente do Brasil, de transformações policiais iniciadas com manifestações desse segmento social –basta citar as eleições direta e o impeachment de Fernando Collor. (INCÓGNITA..., 2013)

O editorial também reconhece a mudança de postura assumida pelo jornal. Para o editor, as cenas de violência protagonizadas por policiais e manifestantes acabaram por causar um “equivoco comum” ao subestimar a ressonância que o MPL poderia alcançar.

O porte dos protestos nos últimos dias, por todo o país, e o caráter em geral pacífico das marchas deixaram patente que a depredação partiu de grupos minoritários. Por mais que a ação truculenta da Polícia Militar paulista, na quinta-feira, tenha sido decisiva para engrossar a multidão nas ruas, está claro que a reivindicação de reverter os aumentos de tarifa se tornou o veículo de uma insatisfação profunda, ainda que difusa, sem dúvida insuflada pela mordida da inflação nos salários. “Não são só 20 centavos” foi uma das palavras de ordem da passeata de segunda-feira em São Paulo. (INCÓGNITA..., 2013).

Apesar da postura defensiva adota pelo jornal ao falar da participação da classe média e do julgamento precipitado nos dias anteriores, a **Folha** foi a primeira a se aproximar de um entendimento do que estava acontecendo no momento. Seu editorial, parcial ou não, foi o que melhor descreveu os acontecimentos daquela semana até então. Nas páginas seguintes do primeiro caderno, que agora também noticia desdobramentos dos protestos, encontramos colonistas falando sobre a violência presente nas manifestações, suas repercussões e influências para o futuro do país, a pouco mais de um ano para as eleições presidenciais.

No caderno de “Poder” é destaque o adiamento da votação da emenda constitucional 37, que limitava o poder de investigação própria do Ministério Público. A PEC foi apelidada pelos manifestantes de “PEC da impunidade”. Com a pressão das ruas, a câmara rejeitou o texto, que foi arquivado no dia 25 de junho. Na página oito, podemos ver o que seria considerada uma derrota para os protestantes membros dos grupos LGBT, “COMISSÃO PRESIDIDA POR FELICIANO IGNORA PROTESTO E APROVA CURA GAY”. O texto,

que ainda passaria pela votação da câmara, foi retirado de tramitação pelo próprio deputado João Campos. A decisão foi apoiada pela câmara em votação simbólica, sinalizando mais uma vitória do movimento.

No caderno de Cotidiano a **Folha** repete a cobertura dos últimos dias ao expor, em sua capa, cenas de vandalismo e saques. Mas, se alinhando discretamente ao jornal **O Globo**, agora também fala em grupos pacíficos que tentavam conter os atos. O jornal também critica a ação da PM que, segundo o próprio, teria demorado a agir. No subtítulo, o veículo dá destaque para Fernando Haddad que, pela primeira vez, admite rever o preço da passagem.

Na página seguinte, mais críticas à postura da PM no dia anterior. “ATO TEM VIOLÊNCIA, SAQUE E DEPREDACÃO; PM DEMORA A AGIR. É dada ênfase a uma nova tentativa de invasão à prefeitura de São Paulo. Mas, já no subtítulo, a **Folha** apresenta a informação de que “a maioria se manifestou de forma pacífica”, mostrando mais uma vez sua mudança de tom. Nesse dia, a polícia de São Paulo declarou ter esperado para evitar confronto contra a população nas ruas.

Na continuação do caderno a **Folha** traz matéria com fala de Dilma, “manifestações são recado a governantes”. Para a presidente, a melhoria da qualidade de vida dos brasileiros, também criou a necessidade de novas demandas. A publicação também mostra a queda do interesse na Copa das Confederações, quando relacionada aos manifestos. A aprovação do torneio também cresceu de 55% para 77%.

Esse desinteresse também é refletido no caderno de esportes, que porta, em sua capa, matéria com o técnico da seleção brasileira, Luiz Felipe Scolari. Segundo notícia “Felipão e jogadores apoiam atos populares e buscam reaproximar torcedores do time”. No dia em que o Brasil enfrentou o México, torcedores marcavam, pela internet, protestos fora e dentro do estádio Castelão, em Fortaleza. Dando continuidade às notícias indiretamente ligadas ao futebol e a Copa, a **Folha** traz matéria sobre o aumento dos gastos públicos em obras para sediar o evento: agora são 28 bilhões de reais. Também figuram as opiniões de Carla Dauden, que ganhou destaque internacional ao publicar o vídeo “Não, eu não vou para a Copa do Mundo”, e do colunista Juca Kfoury. O jornalista faz uma análise do que chama “A copa das Manifestações”.

Políticos e Cartolas tentam minimizar as manifestações pelo país afora. Joseph Blatter diz que o futebol superará os protestos. Geraldo Alckmin descobriu a pólvora ao ver fundo político nas passeatas. Maco Polo Del Nero declarou que os atos são coisa de quem não tem o que fazer e endossou a opinião de Blatter: ambos vêem oportunidade nos que surfam sobre as atenções que o futebol desperta. Queriam o quê? Que não se aproveitasse o momento em que o mundo está olhando para cá? Brincam com fogo. Já Aloizio Mercadante repele que se misture política e futebol, mesma falácia de João Havelange, o que lhe permitia conviver alegremente com Videlas e Médicis da vida.

[...] O fato é que o povo se encheu e a gota-d'água apareceu também na suntuosidade de estádios pagos com o seu dinheiro, dinheiro que a cartolagem e os políticos, além das empreiteiras, querem só para superfaturar. Mas querem que a patuleia pague e cale. Quando o povo grita para diminuir a tarifa e mandar a conta para Fifa ou que Copa não, mas saúde e educação, está sendo o mais claro possível. Tão claro que a seleção brasileira não está sendo confundida nem com os políticos, nem com os cartolas, nem com os empreiteiros, a exemplo do que aconteceu com a seleção tricampeã mundial em 70, quando o país soube distinguir o time da ditadura. (A COPA..., 2013).

A **Folha** também é crítica em relação à preparação da seleção brasileira. Segundo o jornal, a equipe não teve um “treino forte” desde o último jogo e lembra o retrospecto negativo em relação a seleção mexicana, próxima adversária na Copa. Ainda segundo a publicação, a opção de poupar jogadores se deve ao fim da temporada europeia.

Em seu caderno dedicado a Copa das Confederações, **O Globo** também faz menções a obras em pleno torneio, mas com menor destaque do que a **Folha** e em tom menos crítico. O jornal evita falar em falta de interesse do público, dando continuidade a sua visão mais positivista dos jogos. O caderno trata principalmente da preparação da seleção brasileira que, nesse caso, não é criticada. O caderno é composto com a preparação de outras seleções e também dá destaque para a beleza das torcedoras que estão indo aos estádios. “ELAS NÃO ANDAM, DESFILAM”, para o jornal, sobram motivos para “deixar de olhar o campo e só olhar para as arquibancadas”.

Na página seguinte, o veículo também relaciona as manifestações com o campeonato. “GRITOS DAS RUAS ECOAM NO TORNEIO” trata sobre o apoio de jogadores e do técnico Felipão aos protestos, desde que sejam de maneira pacífica. A notícia relata que a seleção espanhola também acompanha de perto as manifestações e finaliza com a fala de Joseph Blatter, presidente da Fifa, que garantiu a segurança de torcedores dentro dos estádios. O caderno especial é encerrado com uma matéria sobre a expectativa de crescimento do movimento e dos lucros nos bares com a transmissão dos jogos. A notícia não menciona os protestos e não fala se eles têm ou não influenciado o movimento dos restaurantes.

Já o caderno de esportes, assim como a **Folha**, cita o alto valor das obras para o evento e traz uma entrevista com Joseph Blatter, que critica alguns pontos da organização. Para o presidente da Fifa, “transportes e ingressos têm de melhorar”, ao fazer clara menção aos problemas de mobilidade urbana nas capitais brasileiras e as dificuldades enfrentados na entrega dos ingressos. Blatter também faz elogios, para ele a qualidade dos estádios impressiona pelo uso sustentável da energia e destaca o apoio da torcida dentro deles.

A defesa de Blatter a paixão brasileira pelo futebol resume a posição adotada pelo **O Globo**. Até o momento, apesar das críticas pontuais a preparação do evento, o jornal optou

por fazer matérias mais positivas e típicas ao recebimento de um grande torneio como a Copa das Confederações. Especiais como a preparação de bares e hotéis para o recebimento de turistas, sobre a beleza das torcedoras, sobre o contentamento de outras seleções ao conhecerem a cidade do Rio de Janeiro, trazem, muitas vezes, a impressão de que os protestos nem aconteciam no mesmo local e nem envolviam o torneio, duramente criticado. Essa tentativa de desvencilhar o evento das manifestações pode ser interpretada pela lógica comercial das organizações Globo, uma das detentoras do direito de transmissão ao evento. A imagem negativa poderia trazer repulsão aos jogos.

O caderno é finalizado com a preparação de outras seleções, com a chegada de famosos internacionais para os jogos e com notícias sobre times locais.

4.5 26 DE JUNHO

Para analisar o dia 26 é necessário, primeiro, uma abordagem sobre os dias anteriores. A edição da sexta-feira, dia 21, foi marcada pela denúncia de mais protestos violentos, tanto pelo **O Globo**, quanto pela **Folha de S. Paulo**. Os dias seguintes foram destinados principalmente à repercussão política gerada pelos movimentos da última semana. A tentativa de “estancar” os movimentos, executada por várias esferas governamentais, foi noticiada em todas as capas do dia 21 ao dia 25. No domingo, 23, a **Folha** destina seis dos seus cadernos à cobertura dos eventos. “A SEMANA EM QUE O BRASIL ARDEU”, é retratada pelos cadernos **Folha** Ilustrada, Ilustríssima, Revista São Paulo, Cotidiano, Cotidiano 2 e Folha 10.

No mesmo dia **O Globo** também traz uma edição especial com vários de seus colunistas comentando as últimas semanas. Entre os trechos divulgados na capa, menções ao mensalão, Renan Calheiros, Lula e Fifa. O jornal também dá destaque para o desencantamento dos jovens com o sistema político nacional.

Com a evolução do time brasileiro, a partir do dia 23 também podemos notar o crescimento do espaço destinado aos eventos da Copa das Confederações na **Folha de S. Paulo**, que havia sido relativamente mais discreto do que seu concorrente carioca ao noticiá-los. A capa do dia 23 estampa foto da vitória do Brasil sobre a Itália no dia anterior, garantindo a classificação brasileira para a semifinal. O mesmo não acontece com **O Globo**, que segue alternando o destaque dado para o torneio.

Chegando ao dia 26, noite de jogo entre Brasil e Uruguai, acontece uma inversão do que vínhamos observando até agora. A **Folha** garante mais espaço à expectativa do jogo, sediado em Belo Horizonte, do que quando comparado ao Globo, que destina apenas uma nota no pé de sua capa. Os dois veículos dão destaque para a derrubada da PEC 37, motivada principalmente pela pressão exercida nas ruas. Outros progressos alcançados pelo movimento são citados; como a CPI dos ônibus no Rio de Janeiro e o aumento da bolsa-aluguel no estado de São Paulo. Porém, no mesmo dia, é destaque o recuo da presidente Dilma Rousseff em realizar uma constituinte exclusiva para realizar a reforma política no país.

No **O Globo**, a primeira página do caderno “País” é inteiramente dedicada ao cancelamento da Constituinte convocada pela presidente como uma resposta às ruas. Segundo o jornal, a oposição das classes política e jurídica teria feito Dilma Rousseff optar por um plebiscito, que também viria a ser cancelado pela Câmara no mês seguinte. Sempre sob o tema “Brasil nas ruas”, as páginas seguintes dão repercussão à oposição dos Ministros do Supremo Tribunal Federal e da classe política à proposta de Dilma. Também é exposta a opinião do então presidente do STF, Joaquim Barbosa, que defendia a possibilidade de um “recall” para políticos.

O veículo cita o “desnorteamento” e o “isolamento” do governo com a proposta de constituinte. Na página seis, a oposição do PMDB, aliado do Governo Federal nas urnas, chama a atenção, principalmente ao ser liderada pelo vice-presidente Michel Temer. Também são ouvidos os futuros candidatos à presidência, Marina Silva e Aécio Neves. Os desdobramentos políticos continuam na página seguinte, a reunião com os governadores e prefeitos é citada como problemática e inconclusiva. O pacto de mobilidade urbana, citado por Dilma, é elogiado pelo governador carioca, Sérgio Cabral e pelo prefeito da capital, Eduardo Paes. Para Geraldo Alckmin, o projeto é positivo, mas não deve ficar só na promessa.

O Globo traz um especial onde mostra que os temas levantados pelos protestos também são alvos de crítica pelos veículos de comunicação e se tornaram notícias corriqueiras na imprensa nacional. Entre os temas citados pelo jornal figuram a precariedade dos serviços públicos (saúde, educação, transporte), os gastos com a Copa do Mundo Fifa de 2014, a corrupção, a falta de representatividade política e a PEC 37. Esse especial pode ser interpretado como uma tentativa de reaproximar o público manifestante com o veículo. Como já citamos, a exemplo do sistema político, a imprensa nacional também passou por uma crise de representatividade vista poucas vezes na história do país. Carros queimados, jornalistas coagidos e protestos na porta de emissoras e grupos de comunicação também marcaram o mês de junho.

A tentativa inicial de marginalizar o movimento, através da ligação do mesmo com atos de violência, aliada ao crescimento das redes sociais como fontes de notícia, teriam sido alguns dos motivos desse afastamento. Para Gustavo Cardoso e Branco di Fátima (2013), em uma sociedade em rede, caracterizada pela abundância de informação, a percepção da injustiça está mais presente do que em outros momentos históricos. Cardoso e di Fátima citam ainda o maior interesse público nas manifestações quando comparado a Copa das Confederações.

No caso do movimento em curso, as menções sobre as manifestações superaram a Copa das Confederações, que aconteceu no mesmo período. De acordo com a empresa Scup, o país do futebol fez mais de dois milhões de citações sobre os protestos, entre 13 e 21 de junho, no Facebook, Twitter, YouTube e Google+. Já a Copa das Confederações teve apenas 214 mil citações, reafirmando o clamor popular: “da Copa eu abro mão. Eu quero mais dinheiro para saúde e educação” (CARDOSO; DI FÁTIMA, 2013, p. 164).

A **Folha de S. Paulo** também dá, em seu primeiro caderno, destaque para a negociação de Dilma com o Congresso Nacional e para a derrubada da PEC37. A **Folha**, por sua vez, critica a pressa da presidente em responder aos atos. Para o jornal, o plebiscito “flerta” com uma democracia direta, protagonizada por Hugo Chavez¹⁷. Ainda segundo notícia, a proposta da presidente torna um assunto complexo em um simples jogo de “sim” ou “não”.

Na página seguinte, em tom crítico, geralmente adotado pelo jornal, é destaque a notícia sobre os custos de maquiagem e cabelo da presidente. Ainda na mesma página, o veículo traz a opinião da oposição em relação às medidas adotadas por Dilma, classificadas como “ultrapassadas”. Em oposição ao Globo, porém, a **Folha** traz em notícia que a maioria dos governadores teria aprovado os atos da presidente.

A capa do caderno de Cotidiano da **Folha de S. Paulo** estampa a notícia “BANDO USA PROTESTO NO RIO PARA FAZER ARRASTÃO, CONFRONTO DEIXA 10 MORTOS” que traz o relato de violência vivido no último protesto na capital fluminense. Apesar do tema estar envolvido com os protestos, o foco deixa de ser, pela primeira vez entre os dias analisados, as manifestações de 2013. Nesse dia ganhou destaque a violência vivida pelos moradores de favelas da Zona Norte do Rio que, segundo notícia, vivem uma “situação de guerra”. A reforma política, proposta pela presidente, é criticada novamente. Dessa vez

¹⁷ Hugo Chávez Frias (1954-2013) foi um político e militar venezuelano, tendo sido o 56.º presidente da Venezuela. Líder da Revolução Bolivariana, Chávez advogava a doutrina bolivarianista, promovendo o que denominava de socialismo do século XXI. Chávez foi também um crítico do neoliberalismo e da política externa dos Estados Unidos. Oficial militar de carreira, Chávez fundou o Movimento Quinta República, da esquerda política, depois de capitanear um golpe de estado mal-sucedido contra o governo de Carlos Andrés Pérez, em 1992. Chávez elegeu-se presidente em 1998, encerrando os quarenta anos de vigência do Pacto de Punto Fijo (firmado em 31 de outubro de 1958, entre os três maiores partidos venezuelanos) com uma campanha centrada no combate à pobreza. Reelegeu-se, vencendo os pleitos de 2000 e 2006.

ganha voz Antônio Prata, colunista da **Folha**, que comenta “uma reforma política é inútil se não fizermos uma reforma cultural; a corrupção nos atravessa de cima a baixo”.

A disposição da previsão do tempo, logo na segunda página do caderno, revela como as manifestações ganharam, aos poucos, papel coadjuvante nos jornais. Entre os dias analisados até agora, quando o destaque continuava sendo a movimentação das ruas, a seção figurava nas últimas páginas da publicação. A página seguinte é preenchida com notas sobre a continuação dos protestos no país e seus desdobramentos, o acampamento na esquina do governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral ganha destaque.

Um especial compara a passeata dos 100 mil, realizada em plena ditadura, com o movimento de 2013. O jornal ressalta os pontos de igualdade e diferença entre os dois protestos com as opiniões de grandes nomes da cultura nacional como Gilberto Gil e Nana Caymmi. Gil compara.

O Foco era muito preciso, havia uma mobilização geral da sociedade contra a ditadura. [...] Essa de agora é uma nuvem, para usar a expressão da internet. É um conjunto de demandas difusas em relação a uma série de coisas, apesar de ter pontos objetivos também, como o passa livre. (CANÔNICO, 2013).

Cacá Rodrigues, um dos manifestantes de 1968, também relata suas percepções sobre o movimento atual.

Naquela época, a gente queria organizar uma democracia. Hoje, existe uma decepção com essa ideia da democracia representativa, e não só no Brasil. Não sei como resolver isso, não gosto de democracia direta, acho que acaba no populismo. (CANÔNICO, 2013).

As páginas seguintes são compostas pelos balanços negativos para (e do) movimento. A CPI dos Transportes em São Paulo é barrada por membros da base aliada do prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, representando uma derrota importante para os protestos. Também são apresentados os números de pessoas detidas em atos e dos prejuízos causados pelo vandalismo de alguns grupos em 10 capitais do país. O jornal também cita a agenda de novos protestos e as interdições causadas em rodovias federais pelos mesmos. A violência, um dos vários temas levantados, é citada na página seguinte com o crescimento do número de homicídios na capital paulista.

Os protestos também são citados na capa do caderno de Esportes da **Folha**. Sob a manchete “CERCO”, a publicação cita a possibilidade de manifestações no jogo contra o Uruguai, que garantiria uma vaga do Brasil na final da Copa das Confederações 2013. A primeira página também traz a opinião de colunistas esportivos sobre as reais possibilidades da seleção brasileira e seu treinamento. Em destaque, a imagem de Neymar, principal estrela do time, que é tratado como “trunfo” pelo jornal. O mesmo acontece no caderno de Esportes de **O**

Globo, que cita tensão “fora e dentro do campo” e mostra a imagem de Neymar oposta à do atacante uruguaio Luis Suárez, um dos grandes nomes da competição.

Neste dia, recebeu destaque no caderno de esportes da **Folha** e na seção especial da Copa das Confederações, realizada pelo **O Globo**, a suposta “farra” da seleção espanhola, envolvendo “*strip poker*”, furtos e a contratação de acompanhantes, que teriam sido barradas pelo hotel. Os boatos foram negados pelos jogadores do time.

Folha e **O Globo** preenchem seus especiais destinados a cobertura do evento com notícias sobre as seleções uruguaia e italiana, que compunham a chave das semifinais. Em um dia de jogo da seleção brasileira e de protestos moderados, não foram notadas notícias sobre problemas de organização do evento ou que criticassem a realização da Copa no Brasil.

4.6 30 DE JUNHO

Entre os dias 27 e 29 fica ainda mais evidente a expansão do número de notícias destinadas a Copa das Confederações. Com exceção do próprio dia 29, em que **O Globo** e **Folha de S. Paulo** reservam suas manchetes a outros assuntos, os dias 27 e 28 são marcados por imagens dos jogos Brasil contra Uruguai e Espanha contra Itália na capa. Ainda que dividam espaço com prolongamentos das manifestações, a exemplo da condenação da corrupção como crime hediondo e da queda da aprovação de Dilma, outros assuntos também voltam a ocupar espaço na primeira página dos veículos.

Também no dia 29, **O Globo**, que até então exibia o tema “Brasil nas ruas” sobre as notícias que envolvessem os protestos, passa a tratar matérias relacionadas como “Depois das ruas...” determinando a clara sensação de que a “onda de manifestações” havia passado. O jornal ainda reforça que o dia foi “de poucos protestos”.

O dia 30, marcado pela expectativa da final da Copa das Confederações, disputada entre Brasil e Espanha, traz na capa de ambos os veículos analisados a imagem de Neymar, estrela do time nacional. Porém, apesar das imagens destinadas ao evento, a diagramação de ambos os veículos destina a manchete daquele domingo, último dia do mês, às consequências dos protestos. O jornal carioca salienta um dos resultados negativos das manifestações: segundo Guido Mantega, então Ministro da Fazenda, o custo das medidas adotadas em consequência dos pedidos das ruas é de 50 bilhões de reais e que, para adotá-las, serão necessários ou o aumento de impostos ou o corte de despesas em outras áreas. Já a **Folha** ressalta a queda de

popularidade da presidente Dilma Rousseff em 27%, bem maior do que a esperada pelo Palácio do Planalto. Segundo notícia, a presidente não venceria mais no primeiro turno.

Chama atenção nesse dia o aparecimento de Joaquim Barbosa como candidato citado entre os eleitores, que chega a ter 15% das intenções de voto, de acordo com o cenário em que está inserido. Marina Silva também sobe na pesquisa do Datafolha. Ainda na capa, o veículo insere a informação de que a cidade de Hasselt, na Bélgica, considerada berço do passe livre, voltará a cobrar pelo transporte público em 2014. A notícia diverge de uma das principais reivindicações dos protestos, também considerada o estopim do movimento, o passe livre. **O Globo**, que também fala da queda de popularidade da presidente, menciona que um quarto da população está sem candidato, evidenciando o descontentamento político instaurado na época.

Com a tendência de politização dos movimentos pelos dois jornais, o editorial da **Folha de S. Paulo** traz, no dia 30, uma análise onde fala sobre estado de infelicidade percebido pelo brasileiro nas últimas semanas. Para o veículo, a letargia do eleitorado nacional não só acabou como também extrapolou qualquer esfera governamental, direcionando sua insatisfação ao próprio sistema político como um todo.

O jornal reflete que a presidente Dilma, que mais sofre com a queda de popularidade é, ao mesmo tempo, a que menos poderia fazer contra as questões levantadas a princípio. Sob responsabilidade de prefeitos e governadores, educação, saúde e transporte precários se voltaram contra a chefe do executivo nacional. A queda de popularidade aliada aos números fracos da economia seriam uma condenação às possibilidades de reeleição da presidente.

A página seguinte traz uma crítica às propostas de melhora do sistema de saúde brasileiro. Para o colunista Miguel Srougi, as medidas anunciadas são “tão surrealistas que não podem ter sido idealizadas por autoridades sérias, mas sim por marqueteiros afeitos à empulhação”. A coluna refere-se à importação de médicos cubanos, a criação de mais de 11 mil vagas em escolas de medicina e a troca de dívidas dos hospitais filantrópicos por atendimento médico. Na mesma página são criticadas a falta de sustentabilidade da reforma política proposta por Dilma, a violência instaurada no país e a falta de uma visão a longo prazo para o sistema de transporte brasileiro.

Suzana Singer, ombudsman da **Folha**, faz uma espécie de “autoanálise”, ao trazer uma matéria especial sobre a necessidade de reinvenção da imprensa tradicional no país. Nesse texto, o veículo não só assume sua proximidade com o público da classe média, maioria entre os protestos, “o gatilho das manifestações foi acionado pelos jovens de classe média urbana, público teoricamente próximo a um jornal como a **Folha**”, como também pondera sobre o

sentimento de não representatividade ou não identificação manifestado pelas mesmas pessoas através das ruas. O jornal também se questiona como uma explosão de insatisfação tão intensa não pode ser prevista ou, até mesmo, foi subjugada durante tanto tempo. A publicação cita o ritmo frenético promovido pelas consequências e desdobramentos do movimento. Segundo texto, “o congresso nacional votou mais coisas nos últimos dois dias do que nos últimos seis meses”. O jornal também avalia o que já podia ser observado nas capas e matérias das últimas edições: nem todas as medidas vestidas de boas intenções eram completamente positivas.

Essas respostas imediatas ao que se supõe que queriam os manifestantes formam uma miríade de medidas difícil de ser discutida em pouco tempo. Cabe aos jornais, onde há maior espaço para a reflexão, aprofundar o debate e mostrar que nem tudo é tão bom quanto parece. (SINGER, 2013).

A introdução da internet e das redes sociais nesse “caldeirão” agrava o “abismo geracional” entre imprensa e jovens. Para o jornal, a falta dos mesmos escrevendo em suas páginas ou comentando os movimentos para o veículo são um dos fatores que, aliados a representatividade instantânea da internet, os afastam e acabam por gerar duas classes distintas.

Rejuvenescer o corpo de colunistas poderia ajudar a criar uma sintonia maior com as ruas, mas com certeza, não basta. Um monitoramento mais profissional das redes sociais também um caminho, já que elas mostraram a sua força nas mobilizações pelo país. É preciso aprender a interpretar as ondas no *Facebook* e no *Twitter*, separando o que é realmente importante do que é espuma. Trata-se de tornar realidade o pretensioso *slogan* da mais recente campanha publicitária do jornal em que uma garota diz: “A folha segue o que eu penso e o que eu não penso. A **Folha** me segue. Eu sigo a **Folha**”. (SINGER, 2013).

A página seguinte se dedica aos reflexos econômicos dos protestos. Segundo a **Folha**, o governo teme que os movimentos afetem a confiança na economia do país. Também são apresentadas previsões negativas como o aumento da inflação, do desemprego e da baixa do poder aquisitivo do salário. Ainda segundo o veículo, as eleições de 2014, que pareciam certas até então, adquiriram um clima de incerteza. Na continuação do assunto, é ouvido o senador e futuro concorrente a reeleição de Dilma, Aécio Neves. Para o presidenciável, a insatisfação é com toda a classe política e não apenas contra o governo. A **Folha** cita o tom cauteloso de Neves ao tratar sobre a queda de popularidade da presidente, uma vez que também não foi bem avaliado em pesquisa.

A capa do caderno Cotidiano do mesmo dia é ocupada quase por completo por um anúncio, tornando evidente o declínio da cobertura das manifestações. No espaço restante, a **Folha** traz uma denúncia contra o lucro excessivo das empresas de ônibus da capital paulista. Segundo notícia, dados da SPTrans¹⁸ revelam que os rendimentos estariam um terço acima da

¹⁸ A São Paulo Transporte (SPTrans) é a autarquia municipal que gere os sistemas de transporte público na cidade de São Paulo.

média nacional ao atingirem 406,8 milhões de reais. O alto valor é explicado pelo prefeito Haddad, que indica a dívida da cidade, de 50 bilhões de reais, como um dos fatores determinantes.

Em entrevista, Haddad ganha destaque novamente na página seguinte. O tema central é o balanço das manifestações e suas implicações políticas, econômicas e sociais. O prefeito faz uma crítica à imprensa: “Fui criticado por dialogar com vândalos que hoje são festejados pela mesma imprensa que os acusou”. A falta de comprometimento dos manifestantes também é alvo do político, “na manifestação aparecem 50 mil. Quando fala, vamos discutir, 40 mil somem”.

Concluindo o caderno, vemos uma vertente inédita entre os dias analisados. Com a manchete “BARÃO DO ASFALTO” desta vez o destaque se destina a José Ruas, empresário dono do grupo “Ruas” que controla 56% do transporte via ônibus da capital. Apesar do controle, o jornal traz à tona as disputas judiciais e trabalhistas que envolvem o grupo. Segundo matéria, a dívida chegaria aos 760 milhões de reais. Essas denúncias reforçam os protestos contra os sistemas públicos de transporte, controlados por consórcios que, em sua maioria, possuem irregularidades.

Também nas últimas páginas é divulgado o treinamento da Polícia Militar de São Paulo ao enfrentar protestos. Em manual, dicas de como utilizar instrumentos e se comportar frente a momentos de tensão são minuciadas.

Em seu primeiro caderno **O Globo** reduz drasticamente o número de notícias ligadas diretamente às manifestações. O que se vê são os desdobramentos das ações motivadas pelas ruas. O gasto com as propostas aprovadas, que girariam em torno de 50 bilhões de reais entre saúde, transporte e compensações, como a redução de impostos, é transformado em um especial. Assim como no concorrente paulista, as eleições 2014, a queda de popularidade de Dilma e a repercussão entre a classe política ganham destaque ao serem noticiadas em página inteira. O afastamento da possibilidade do retorno de Lula é confirmado.

A página seguinte já volta suas atenções para o próximo grande evento sediado pelo país e mostra uma crítica às preparações para a Copa do Mundo de 2014. A menos de um ano para o início do torneio, apenas uma das 50 obras de mobilidade estavam prontas. Ao mesmo tempo, São Paulo, Manaus e Salvador tiveram todos os seus projetos cancelados. A associação do atraso nessas obras com as manifestações por melhor mobilidade urbana é feita através do título: “O Brasil nas ruas”, utilizado pelo jornal. Uma das principais razões, segundo a publicação, é a burocracia existente no país.

Ainda nas repercussões políticas, o jornal fala da “perplexidade petista” com as ruas. Citado pela matéria, o ex-presidente Lula declara que os atos são “coisa de direita” e pretendem “desestabilizar o governo”. **O Globo** ainda destina crítica ao cumprimento do orçamento em áreas duramente criticadas pelo povo. Saúde, saneamento, educação e transporte tiveram menos de 50% do planejado realmente investidos no ano de 2012.

O transporte, estopim das revoltas de junho, é alvo de uma análise feita pelo jornal. Segundo matéria, paulistanos e cariocas sofrem diariamente com transporte lento e precário. Também são citados os sistemas de Manaus e Recife. Através do relato de usuários, o jornal constrói um diagnóstico do serviço público.

Apesar do descontentamento com a representatividade oferecida pela democracia brasileira, segundo **O Globo**, o termo “reforma política” só apareceu após pronunciamento da presidente. Até então o preço das passagens era o tema mais citado. Além disso, outro tema polêmico a ser votado é mostrado na página 13, o financiamento público de campanha. Em outro especial, desta vez sobre a relação de manifestantes e a Copa das Confederações, **O Globo** traz torcedores que, mesmo indo aos protestos, foram aos estádios ver o jogo.

O fim de junho marca o mês histórico para o Brasil. É o que diz a coluna de João Máximo. Para o jornalista, às ruas falaram mais alto do que as imposições da Fifa. “O resultado de Brasil X Espanha não tem tanta importância para a seleção brasileira, o futebol, o momento e o país”, conclui. O jornal encerra o caderno com o conflito de torcedores que se “renderam” ao futebol e deixariam os protestos de lado para acompanhar a final da Copa das Confederações na noite daquele dia e com uma retrospectiva dos principais acontecimentos no mês.

No especial da Copa das Confederações e no caderno de Esportes, o assunto é a final, sediada no Maracanã. O veículo chama a partida de “um jogo para entrar para a história” ao pôr frente a frente as seleções brasileira e espanhola, sendo a última campeã do mundo em 2010. Neymar e Felipão são, mais uma vez, destaques da edição de domingo. A consolidação do time nacional no campeonato, quando chegou a ser considerado “azarão” pelos jornalistas esportivos, chama a atenção do mundo, relata **O Globo**. As festividades de encerramento do torneio também estão entre os destaques do caderno, como a disputa pelo terceiro lugar entre Uruguai e Itália.

Ainda exaltada no caderno de esportes, a torcida também mereceu a capa do especial da Copa, que chega a sua penúltima edição. Segundo o jornal, a participação do torcedor é o único quesito que recebeu nota máxima em todas as sedes dos jogos, mesmo entre

protestos. Com a manchete “ELA VAI FAZER A DIFERENÇA”, o jornal já atribui a torcida brasileira o título de campeã.

O título de “azarão” recebe destaque no caderno da **Folha**. Para o jornal, a seleção, sem ser favorita, enfrenta a Espanha em uma situação inédita: enfrentar, “em seu templo do futebol” um adversário a ser superado tecnicamente. Júlio César e Neymar recebem maior atenção do jornal, assim como Xavi, da Espanha. A **Folha** ainda traz os últimos números do apoio à Copa do Mundo. Segundo pesquisa, apesar de cair 14%, a posição favorável ainda é assumida por 65% da população brasileira. Em passagem curta, o veículo encerra suas notícias destinadas ao torneio com os problemas enfrentados na reforma do Maracanã: protestos, custo maior do que o planejado e obras atrasadas.

Neste dia, podemos notar que **O Globo** dedica espaço maior às notícias da Copa, dando seguimento à tendência observada durante os seis dias analisados. Também é notável o tom cauteloso da **Folha** ao reportar as expectativas do time brasileiro contra a Espanha, também sendo coerente ao seu histórico. Sempre adotando um tom mais crítico, mesmo na final do torneio, o jornal paulista não deixa de fazer menção aos problemas, próprios da organização do evento, e às consequências dos protestos para a reputação dos jogos. **O Globo**, apesar de não deixar de fazer o mesmo, os cita mais esporadicamente, acompanhando o ritmo das manifestações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolhermos os critérios de noticiabilidade como ponto inicial deste trabalho, tivemos a oportunidade de repensar suas implicações na construção do jornalismo diário. Sob esse olhar, foi possível analisar de maneira mais embasada e teórica a escolha de cada publicação em noticiar a Copa das Confederações Fifa e as manifestações de junho de 2013. A simultaneidade dos dois eventos também proporcionou um interessante contraponto e objeto de estudo.

Ainda no segundo capítulo, buscamos fazer um histórico dos dois jornais estudados. A análise da trajetória de cada veículo adquiriu importância quando pudemos observar, mais de perto, a evolução editorial de **O Globo** e da **Folha de S. Paulo**. A associação de suas biografias e da construção de uma “personalidade jornalística” aos valores-notícia, proporcionaram, também, uma análise mais assertiva.

No terceiro capítulo, é importante destacar a pesquisa bibliográfica feita ao redor das manifestações. Juntos, os capítulos dois e três foram essenciais, pois, interligados, nos prepararam para observar, com maior perspectiva, cada tomada de decisão editorial. Ao construir o cenário daquele junho de 2013, essa tripla base também é importante ao situar o leitor que, no futuro, buscar entender como estes eventos, muitas vezes, se confundiram em sua cobertura. Ver as manifestações de 2013 sob a interpretação de diversos sociólogos, filósofos e intelectuais, também nos preparou para perceber a posição assumida por cada grupo comunicacional.

Confirmando, mesmo que de maneira precipitada, nossas expectativas, ambos os jornais começam a tratar dos protestos de maneira negativa e ligando-os aos movimentos de extrema esquerda. A marginalização inicial dos manifestantes e do Movimento Passe Livre é notada através do grande destaque aos atos de vandalismo e da minimização das causas daqueles que foram às ruas. Mesmo que o estopim tenha sido o aumento das passagens e, até então, fosse o principal motivo das passeatas, para os dois jornais, principalmente para a **Folha**, não era motivo suficiente para a revolta recriada em suas páginas. Tratadas como infundadas, as manifestações também sofreram dura repressão policial.

A repressão policial, aliada ao poder imensurável da internet, elevou os protestos de junho a nível nacional. Ao reunir milhares de novas pessoas que apoiavam o simples direito de protestar, se reuniu simultaneamente outras centenas de tópicos e questões que afligiam o povo brasileiro. A nova face dos protestos, com múltiplas classes, idades e temas, foi o principal fator de transformação da cobertura jornalística.

Com isso, apesar de se tratarem de jornais de vocação tradicionalista, com um público semelhante entre si, nossa primeira percepção foi de um distanciamento das perspectivas de **O Globo** e da **Folha**. Contrariando nossa ideia pré-concebida pela pesquisa bibliográfica, a transição entre as diferentes reproduções do que ocorria nas cidades brasileiras, não aconteceu de maneira drástica no dia 17 de junho. Tanto o jornal paulistano quanto o veículo da família Marinho foram discretos e gradativos na mudança de posição frente aos atos públicos. O distanciamento entre as publicações, entretanto, ocorre quando o jornal carioca passa a apoiar, de maneira mais evidente e ágil, as insatisfações expressadas pelos manifestantes.

Com a Copa das Confederações tendo seu início simultaneamente ao ápice da onda de protestos, a cobertura do evento, de caráter mundial, ganhou, muitas vezes, papel coadjuvante nas páginas dos dois veículos. Entre as menções, destacamos aquelas que ocorreram de maneira indireta e, em sua maioria, negativa. A Copa, junto com o aumento das tarifas de transporte público, assumiu papel de um dos principais descontentamentos dos protestantes. Também nos chamou a atenção as referências do alto custo em sediar o evento, até mesmo nos cadernos esportivos, evidenciando a relação intrínseca entre o torneio e as manifestações.

Essa interligação entre temas distintos e cadernos confirma a opinião de Rocco Júnior e Belmonte, quando falaram sobre a influência do interesse público sobre a escolha das matérias que preencherão, no caso, as páginas de jornal. Com a popularidade da Copa em baixa e o alto grau de insatisfação geral, passou a ser de interessante, mesmo na seção de esportes, noticiar o aumento do custo das obras para a realização do evento.

A influência do leitor sobre o que é noticiável também pode ser citada como uma das principais razões para a mudança de posicionamento da **Folha de S. Paulo**. Foi somente quando seu público alvo, a classe média paulistana, passou a apoiar massivamente as manifestações, que o jornal reconheceu um dos gritos do movimento “não são apenas vinte centavos”. Através de um editorial reconhecendo o próprio erro de julgamento, passou a reconhecer a pluralidade e a grandiosidade daqueles eventos, mesmo que, ainda sob tom crítico. Em contrapartida, **O Globo**, em sua perspectiva mais branda, chega, em alguns momentos, a nem noticiar atos de vandalismo, destaques em seu concorrente indireto.

O tratamento do jornal carioca, considerado por nós mais positivista em relação aos protestos, também se reflete na Copa das Confederações. Essa posição pode ser explicada quando olhamos o veículo como parte de conglomerado que transmitiu os jogos e que não tinha

interesse na perda do apoio aos mesmos pelo público. **O Globo**, em seu caderno especial destinado ao torneio ou no seu caderno esportivo, traz matérias típicas da realização de um evento grandioso no país. Essas matérias, muitas vezes, passam a impressão de uma realidade paralela daquela vivida nas ruas. Enquanto nas páginas anteriores podemos observar manifestantes com placas “Fifa vá para casa”, na seção seguinte vemos matérias sobre a expectativa dos bares em relação à transmissão dos jogos. Em contrapartida, o fato também abre para a interpretação de uma tentativa de influenciar o leitor, que poderia estar perdendo o interesse nos jogos, a acompanhá-los mais de perto.

Porém a influência recíproca entre leitor e veículo não pode ser observada de modo tão simplista, as próprias manifestações contrapõem esse pensamento. Ao também serem alvos de protestos, as publicações se viram em meio de uma crise de representatividade que, até então, estava adormecida. Assim como a classe política, os grandes grupos de comunicação se viram obrigados a repensar sua posição frente a sociedade atual, fato que a **Folha de S. Paulo** expressa através da figura do *Ombudsman*.

Mais adiante, notamos a transição do destaque das manifestações para a Copa, que agora atingia seu ápice com a proximidade da final e a evolução do time brasileiro na competição. Essas notícias dividiram espaço com os desdobramentos, consequências e conquistas das manifestações que, à época, já seguiam tendência de queda no número de participantes.

Com o distanciamento temporal obtido por essa monografia, concluída dois anos após o término daqueles eventos, pudemos notar como as coberturas jornalísticas acertaram ou não em suas análises. De maneira mais evidente, a **Folha**, apesar de sua posição majoritariamente contrária, acerta ao classificá-los como a reunião das inquietações de uma sociedade que enfrenta, no seu dia a dia, diversos problemas estruturais. Ao reconhecer o Movimento Passe Livre como apenas o estopim daqueles protestos, a mesma vai diretamente contra sua opinião inicial.

Ainda nesse período, pudemos observar a realização de outras manifestações que, de certo modo, foram comparadas a junho de 2013. Essa equiparação, porém, deve ser evitada, uma vez que seus motivos, sua composição social e seus cenários diferem entre si. Em junho, vimos um Brasil que protestava pelo direito de protestar, que se expressava por uma sociedade mais justa economicamente e socialmente. Ao ser descrita como uma manifestação apartidária, viu-se a movimentação de toda a classe política, mesmo que momentaneamente, por uma reaproximação com seus eleitores. Deixando de lado os riscos de uma sociedade apartidária,

podemos observar, na época, a agitação pela reforma política como uma esperança de reencontrar, em seu governo, dedicação e eficiência por um país melhor.

6. REFERÊNCIAS

- A COPA das manifestações. Folha de S. Paulo, São Paulo, 19 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/114696-a-copa-das-manifestacoes.shtml>>. Acesso em: 18 jun. 2015.
- AGENTES do caos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2013/06/1295534-editorial-agentes-do-caos.shtml>>. Acesso em: 05 jun. 2015.
- ALDÉ, A. **As eleições presidenciais de 2002 nos jornais**. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2003.
- ALDÉ, A.; XAVIER, G.; BARRETOS, D.; CHAGAS, V. **Critérios jornalísticos de noticiabilidade: discurso ético e rotina produtiva**. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2005.
- APOIO À CHEGADA de Getúlio Vargas ao poder (3 de outubro de 1930). **O Globo**, Rio de Janeiro, [s.d.]. (Memória O Globo). Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/opiniaio/apoio-agrave-chegada-de-getuacutelio-vargas-ao-poder-9531481>>. Acesso em: 18 mar. 2015.
- APOIO AO GOLPE de 64 foi um erro (31 de março de 1964). **O Globo**, Rio de Janeiro, [s.d.]. (Memória O Globo). Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-12695226>>. Acesso em: 18 mar. 2015.
- BERGAMIM JR., G.; GERAQUE, E. Ato fecha até shopping e deixa estações deprecadas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/112753-ato-fecha-ate-shopping-e-deixa-estacoes-depredadas.shtml>>. Acesso em: 15 maio 2015.
- BORDEN, S. At the World Cup, Doomsday Predictions Give Way to Smaller Hiccups in Brazil. **The New York Times**, Nova Iorque, 17 jun. 2014. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2014/06/18/sports/worldcup/at-the-world-cup-doomsday-predictions-give-way-to-smaller-hiccups-in-brazil.html?_r=0>. Acesso em: 21 maio 2015.
- CANÔNICO, M. A. Igual, mas diferente. **Folha de S. Paulo**, Rio de Janeiro, 26 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/115985-igual-mas-diferente.shtml>>. Acesso em: 19 jun. 2015.
- CARDOSO, G.; DI FÁTIMA, B. **Movimento em rede e protestos no Brasil: qual gigante acordou?** Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- CARVALHO, C. Tribos e convicções para todos os gostos em ato. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 jun. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/tribos-conviccoes-para-todos-os-gostos-em-ato-8727273>>. Acesso em: 17 jun. 2015.
- CHAUÍ, M. **As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.

DAUDEN, C. **No, I'm not going to the world cup**. 17 jun. 2013. Vídeo (6min09s). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ZApBgNQgKPU>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

FANTINATTI, M. A cobertura jornalística da campanha pelas “Diretas já”: o fantasma que ainda assombra a história da Rede Globo. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo. 2007.

FORTUNA, V. O. Cidade e megaeventos: espetáculo midiático, explosão de sentidos. In: **Coneco – Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação**, VI Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação – Rio de Janeiro. 2013.

FRANCESCHINI, L. F.. **Marajás e Caras-Pintadas: A Memória do Governo Collor nas Páginas de o Globo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Plataforma Democrática, 2005. Disponível em: <<http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes/14592.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

GASPARI, E. A PM começou a batalha na Maria Antônia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 jun. 2013. Disponível em: < www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/113958-a-pm-comecou-a-batalha-na-maria-antonia.shtml>. Acesso em: 6 jun. 2015.

INCÓGNITA nas ruas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2013/06/1297388-editorial-incognita-nas-ruas.shtml>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

IYENGAR, S.; KINDER, D. R. **News that Matter**. Cidade: Editora, 1987.

LO PRETE, R. Jefferson denuncia mesada paga pelo tesoureiro do PT. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06 jun. 2005. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0606200502.htm>. Acesso em: 23 maio 2015.

LOJAS fecham mais cedo e comerciantes criticam passeata. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/114596-lojas-fecham-mais-cedo-e-comerciantes-criticam-passeata.shtml>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

MARINHO, R. Julgamento da Revolução. **O Globo**, 7 jul. 1984.

MARTINS, G. Jornal britânico critica organização da Copa no Brasil. **Rádio Globo**, Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte, 07 mar. 2014. Disponível em: <<http://radioglobo.globo.com/copa-do-mundo/copa-do-mundo-2014/materia/2014/03/07/JORNAL-BRITANICO-CRITICA-ORGANIZACAO-DA-COPA-NO-BRASIL.htm>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

MEMÓRIA. **O Globo**, Rio de Janeiro, [s.d.]. (Memória O Globo). Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

MOREIRA, F. B. **Os valores-notícia no jornalismo impresso: análise das “características substantivas” das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo**. 2006.. 157 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de

Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2006.

MUXI, Z. **Episódios da transformação urbana de Barcelona**. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2012.

NOVAES, M. MP-SP vai pedir suspensão do aumento da tarifa por fim de protestos. **Terra**, São Paulo, 12 jun. 2013. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/mp-sp-vai-pedir-suspensao-do-aumento-da-tarifa-por-fim-de-protestos,2af26015a5a3f310VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

O GLOBO na rede (29 de julho de 1996). **O Globo**, Rio de Janeiro, [s.d.]. (Memória O Globo). Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-na-rede-9200005>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

PARQUE gráfico (12 de janeiro de 1999). **O Globo**, Rio de Janeiro, [s.d.]. (Memória O Globo). Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/parque-graaceutefico-9197388>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

PILAGALLO, O. Os 90 anos da Folha em 9 atos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 fev. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha90anos/877777-os-90-anos-da-folha-em-9-atos.shtml>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

PRIMO, A.; TRÄSEL, M. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Niterói: UFF, 2006.

RAUPP, E. M.; KURTZ, A. S. As charges de Zero Hora sobre as manifestações no Brasil: uma análise sobre a “opinião ilustrada” do jornalismo gaúcho. In: **Anais do 3º Seminário de Iniciação Científica da ESPM**. São Paulo, 31 out. 2014.

REDAÇÃO RBA. Autoritarismo da polícia de Alckmin termina com 232 pessoas detidas. **Rede Brasil Atual**. São Paulo, 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2013/06/autoritarismo-da-policia-de-alkmin-termina-com-235-pessoas-detidas-8116.html>>. Acesso em: 04 maio 2015.

REFORMA gráfica (5 de dezembro de 1995). **O Globo**, Rio de Janeiro, [s.d.]. (Memória O Globo). Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/reforma-graaceutefica-9178726>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

RESSURGE a democracia!. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 abr. 1964, p. 1.

ROCCO JUNIOR, A. J.; BELMONTE, W. B. Da informação ao entretenimento: análise do jornalismo esportivo brasileiro pela trajetória histórica da Revista Placar. In: **Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Vila Velha, maio 2014.

ROMÃO, W. M. **As manifestações de junho e os desafios à participação institucional**. Brasília: IPEA, 2013.

SANTOS, E. H. J. **Crise de representação política no Brasil e os protestos de junho de 2013**. Rio de Janeiro: IBCT/UFRJ, 2014.

SCRIVANO, R.; ROXO, S.; HERDY, T.; FARRAH, T.; CARVALHO, C. Manifestação atrai 65 mil em SP; grupo tenta invadir sede do governo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 jun. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/manifestacao-atrai-65-mil-em-sp-grupo-tenta-invadir-sede-do-governo-8716146>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

SINGER, S. #vemprarua, Folha. Folha de S. Paulo, São Paulo, 30 jun. 2013. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsman/116581-vemprarua-folha.shtml>. Acesso em 19 jun. 2015.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: MAUAD Editora, 1998.

TORCIDA emociona ao cantar Hino Nacional, e parte protesta de costas. **Globoesporte.com**, Fortaleza, 19 jun. 2013. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/torcedores-ficam-de-costas-durante-o-hino-que-e-cantado-cappella.html>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005

_____. **A tribo jornalística**: uma comunidade interpretativa e transnacional. Cidade: Editora, 2008.

VEJA capitais que tiveram aumento nas tarifas de ônibus em 2013. **G1**, São Paulo, 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-capitais-que-tiveram-aumento-nas-tarifas-de-onibus-em-2013.html>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**: *mass media*: contextos e paradigmas. Novas tendências. Efeitos a longo prazo. *O newsmaking*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.